

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**

TXAPINA JURUNA

**VARIAÇÕES E MUDANÇAS NA LÍNGUA INDÍGENA YUDJA
E O ENSINO NA ESCOLA KAMADU**

**BARRA DO BUGRES-MT
2023**

TXAPINA JURUNA

**VARIAÇÕES E MUDANÇAS NA LÍNGUA INDÍGENA YUDJA
E O ENSINO NA ESCOLA KAMADU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de mestre.
Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural.
Orientadora: Profa. Dra. Eunice Dias de Paula.

**Barra do Bugres-MT
2023**

Ficha Catalográfica

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

JURUNA, Txapina.

J91v

Variações e Mudanças na Língua Indígena Yudja e o Ensino na Escola Kamadu / Txapina Juruna – Barra do Bugres, 2023.

90 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. Color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Eunice Dias de Paula

1. Povo Yudja. 2. Variações. 3. Mudanças. 4. Língua Indígena. I. Txapina Juruna. II. Variações e Mudanças na Língua Yudja e o Ensino na Escola Kamadu:.

CDU 811:376.74(=1-82)

TXAPINA JURUNA

**VARIAÇÕES E MUDANÇAS NA LÍNGUA INDÍGENA YUDJA
E O ENSINO NA ESCOLA KAMADU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour”, Barra do Bugres, MT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 05 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eunice Dias de Paula
(PPGECH/UNEMAT) - Orientador(a)

Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
UNESP – Examinadora Externa

Profa. Dra. Mônica Cidele Cruz
PPGECH/UNEMAT – Examinadora Interna

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, aos alunos das escolas e às comunidades das aldeias Yudja.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGE CII foi possível graças a uma estrutura oferecida pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e a Faculdade Indígena Intercultural - FAINDI.

Agradeço à Professora Doutora Eunice Dias de Paula pela orientação desta pesquisa e também pela compreensão e serenidade ao ouvir as angústias e ansiedades, durante a elaboração desse trabalho de Mestrado. Atribuo o sucesso desse trabalho à confiança que ela depositou em mim na condição de pesquisador.

Agradeço também à Professora Doutora Mônica Cidele da Cruz pela contribuição teórica proporcionada durante as disciplinas ministradas ao longo desse curso de mestrado e à professora Dra. Cristina Martins Fargetti, também pelas intervenções como membro da banca de qualificação.

Agradeço aos Professores Doutores e à Diretora da FAINDI, ao coordenador do curso de Mestrado, Professor Adailton Alves da Silva, pela contribuição e orientação sobre as disciplinas ministradas ao longo do curso.

Agradeço imensamente ao povo Yudja da aldeia Tuba Tuba pelo consentimento, confiança e colaboração com a realização dessa pesquisa de mestrado.

Agradeço a Deus por ter colocado ao meu lado pessoas maravilhosas que contribuíram para a realização de um sonho: à minha família pelo apoio e paciência durante toda minha vida acadêmica, em especial, à minha mãe Nario Yudja, historiadora; ao meu pai Sadea Yudja, historiador e atual cacique da aldeia Tuba Tuba; à minha tia Yawakidu Yudja; ao meu tio Taikapĩ Yudja, que também sempre está ao meu lado, contribuindo com a narrativa da língua materna Yudja que foi registrada por mim através da escrita. E às amigas Suzi Lima, linguista e a antropóloga Tânia Stolze Lima, que contribuíram na correção da escrita do texto deste trabalho.

Quero agradecer aos meus alunos do ensino médio, que foram pessoas maravilhosos (as) e acreditaram no meu trabalho, tendo reconhecimento da importância da escrita da língua, pessoas que, no movimento deste mestrado, me ensinaram o caminho de repensar, redescobrir, conhecer o conhecimento de próprio povo que antes não conhecia e de estar nos lugares em que já havia estado com outros olhares e com sentimentos de escuta. Penso que o mestrado invadiu a minha vida de um jeito que me revirou ao avesso, de um jeito que me fez olhar por dentro e sentir o pulsar e o pulso do meu coração.

Agradeço aos professores Yudja como grandes companheiros de trabalho da Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu.

É assim que agradeço às pessoas que estão nas instituições (UNEMAT e FAINDI), às pessoas que compõem a minha família de origem e a família que ganho, os parentes.

Agradeço às pessoas que estão comigo, aos meus colegas de orientação, àqueles que me ensinaram e me orientaram neste percurso, que tão rápido me fez revirar às avessas. Agradeço de maneira especial aos anciãos/ãs, jovens e crianças da aldeia Tuba Tuba, às lideranças, Caciques e professores Yudja.

À minha família, especialmente, à minha esposa que, mesmo com grande dificuldade está sempre comigo neste sonho que sonhei.

Também agradeço e digo que estou muito feliz de ter comigo o Professor Adailton Alves da Silva (meu professor no mestrado da FAINDI - UNEMAT) e aos que, com certeza, trouxeram contribuições significativas e sensíveis a esta dissertação.

Enfim, agradeço à Mãe Terra, à água que me sustenta da sede, aos sons do vento e força das espiritualidades, guias, entidades, universo. Obrigado!

ABĪAHA XIPA

Kĩ papera Tuba Tuba he ã pea ha epĩa he, papera ã'ãhã ha kade sekamenã lupaku txa yãhã de iwãxiwãxiã hã ha alu, awiyai ã iparahai papera ã'ã taha kamenã wãwã ha txade ewãxiwãxi anu. Maxi da kamenu seha sekamenã iwãxiãhã ide kara yãhã ha anu, ali ã iparahai papera ã'ã taha kahunã semakenã iwãxiãha zaku ide yãhã ha. Iwãxiwãxi'a kade una pahidji awiyai ã iparahai kamenã wãwã, sahahe una abixu taha wãxiwãxi sekamenã da, txihidji una karai kamenã da iwãxiwãxi te. Kĩ papera ekariku dade si Yudja ha tade papera aka he da kuperi seha ha sube beha, papera ã'ã taha kahunã ide kamenã zaku yãhã ha. Suduhahe ide kamenã yupaku txa yãhã ubahu seha ha anu ã abĩ izaku taha udase dade ide wãbi sabiaha ubahu yãhã ha. Iwãxiwã kara kade, izaku dade ide ubaha bĩa ha uba tahai ikamenã ewãwã kĩ papera de.

Palavras-chave: Yudja, kamena lalabe yãhã, kamena lupaku yãhã, abi kamena

RESUMO

Este trabalho de mestrado foi produzido na aldeia Tuba Tuba (Território Indígena do Xingu) e discute as práticas de Variação e Mudanças na Língua Yudja e o ensino na escola Kamadu, com a participação da comunidade da aldeia e os alunos do ensino médio na parte das entrevistas. O objetivo deste trabalho consiste em registrar esse tema tão importante na cultura e identidade Yudja e discutir as práticas sociais da linguagem, enfatizando as variações e mudanças na língua falada por jovens e adultos. A metodologia do trabalho se baseou em entrevistas com anciões e jovens que foram gravadas e, na medida da necessidade, algumas partes foram transcritas em língua materna e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa. Este trabalho cumpre com o propósito didático científico de se tornar para as comunidades como uma fonte de pesquisa para os alunos das Escolas Yudja. E, em um âmbito mais geral, a pesquisa também cumpre com o papel de oportunizar uma melhor compreensão de como estão ocorrendo as variações na língua Yudja e o ensino na escola Kamadu, por parte das pessoas que irão ler este trabalho. Para conferir caráter de maior confiabilidade das informações contidas neste trabalho de Dissertação, do ponto de vista metodológico, fiz o uso constante da voz dos consultores nativos da comunidade, bem como, dialoguei com as obras de Fargetti (2008, 2011), Calvet (2002) e Tarallo (1990) para enriquecer a temática constante da pesquisa neste meu trabalho. E como resultado desta pesquisa, elaborei um produto educacional para ser trabalhado nas escolas do povo Yudja, que focaliza a questão das variações presentes na nossa língua.

Palavras-Chave: Povo Yudja, variações, mudanças, língua indígena.

ABSTRACT:

This master's work was carried out in the Tuba Tuba village (Xingu Indigenous Territory) and discusses the practices of Variations and Changes in the Yudja Indigenous Language, with the participation of the village community and high school students in the part of the interviews. The objective of this work is to register this very important theme in Yudja culture and identity and to discuss the social practices of language, emphasizing the variations and changes in the language spoken by young people and adults. The methodology of the work was based on interviews with elders and young people that were recorded and, as necessary, some parts were transcribed in the mother tongue and, later, translated into Portuguese. This work fulfills the scientific didactic purpose of becoming for the communities a source of research for the students of the Yudja Schools. And, in a more general scope, the research also fulfills the role of providing a better understanding of how the variations in the Yudja language are occurring, on the part of the people who will read this work. In order to confer a greater reliability on the information contained in this Dissertation work, from a methodological point of view, I made constant use of the voice of the native consultants of the community as well as I dialogued with the works of: Fargetti (2008, 2011), Calvet (2002) and Tarallo (1990) to enrich the constant theme of the research in this work of mine. As a result of this research, I developed a pedagogical product to be worked on in the schools of the Yudja people, which focuses on the issue of variations present in our language.

Keywords: Yudja people, variations, changes, indigenous language.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATIX: Associação Terra Indígena do Xingu
CEB: Câmara de Educação Básica
CEE: Conselho Estadual de Educação
CNE: Conselho Nacional de Educação
FAINDI: Faculdade Indígena Intercultural
FUNAI: Fundação Nacional do Índio
IPA: Alfabeto Fonético Internacional
LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PIX: Parque Indígena do Xingu
PPP: Projeto Político Pedagógico
MT: Mato Grosso
RFN: Fundação Rainforest da Noruega
SEDUC: Secretaria de Estado de Educação
SESAI: Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIASI: Secretaria de Informação de Atenção à Saúde Indígena
TIX: Território Indígena do Xingu
UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP: Universidade Estadual Paulista

LISTA DE MAPAS E TABELAS

Mapa 01: Bacia Hidrográfica do Rio Xingu, nos estados do Pará e Mato Grosso.....	p. 19
Mapa 02: Migração do povo Yudja na Bacia do Rio Xingu, do século XVII até o século XX.....	p. 20
Mapa 03: Mapa do Território Indígena do Xingu.....	p. 22
Tabela 01: Variação das palavras usadas pelos idosos e pelos jovens.....	p. 45
Tabela 02: Fonemas e Grafemas da língua Yudja.....	p. 46
Tabela 03: Fonemas Consonantais da língua Yudja e os grafemas.....	p. 47
Tabela 04: Fonemas Vocálicos da língua Yudja e os grafemas.....	p. 47

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Os Yudja na cachoeira Von Martius com o explorador alemão Karl Von den Steinen em 1884.....	p. 21
Figura 02: Vista aérea do Rio Xingu, aldeia Tuba Tuba, Parque Indígena do Xingu, MT, Brasil.....	p. 21
Figura 03: Os homens Yudja durante a festa Kiriwai, de armação do cocar.....	p. 29
Figura 04: Os jovens durante aula prática.....	p. 29
Figura 05: Os jovens se enfeitando para festa do centro da aldeia.....	p. 30
Figura 06: Os jovens dançando dentro de casa.....	p. 31
Figura 07: Programação da dança.....	p. 32
Figura 08: Kuataha de abia.....	p. 33
Figura 09: Milho tradicional Yudja.....	p. 33
Figura 10: Melancia.....	p. 34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: YUDJA ABĪAHA, A ORIGEM DO POVO YUDJA	18
CAPÍTULO II – A VARIAÇÃO E A MUDANÇA NO USO DA LÍNGUA MATERNA YUDJA	47
CAPÍTULO III: A VARIAÇÃO DA LÍNGUA YUDJA NA ESCOLA	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXO I	71

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as práticas sociais da linguagem, enfatizando as Variações e Mudanças na Língua Yudja. Adotei como fio condutor da pesquisa a busca por uma melhor compreensão sobre as Variações e Mudanças na Língua Materna Yudja. O objetivo deste trabalho consiste em registrar esses temas tão importantes na cultura Yudja e suas diversas práticas culturais na língua falada por pessoas adultas e pelos jovens.

A metodologia do trabalho se baseou em entrevistas gravadas com anciões e jovens. Na medida da necessidade, algumas partes foram transcritas na língua materna e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa. Foram utilizadas como recursos para efeito de registro das entrevistas, gravações, fotografias e escritas digitais. Do ponto de vista deste mestrando, essa pesquisa cumpre com o propósito didático científico de se tornar para a minha comunidade uma fonte de pesquisa para os alunos da Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu. E, em um âmbito mais geral, a pesquisa também cumpre com o papel de oportunizar uma melhor compreensão de como está ocorrendo a variação na língua Yudja, por parte das pessoas que irão ler este trabalho.

A língua materna faz parte da vida dos Yudja desde tempos imemoriais. É justamente por ser uma prática cultural ancestral, que veio passando de geração em geração, sendo utilizada pelos anciões, jovens e crianças para se comunicar. Atualmente, a nossa língua materna ainda está sendo falada pela maioria das pessoas das aldeias Yudja.

Mesmo após o contato com o mundo ocidental e suas línguas, podemos perceber ainda hoje que muitas pessoas mantêm a sua língua originária. Assim, é comum a prática da língua materna Yudja, embora estejamos vinculados ao modo ocidental que possui outras línguas e outras maneiras de perceber o mundo.

A língua materna Yudja faz parte da cultura Yudja há centenas de anos. Encontramos algumas referências bibliográficas que tratam dessa tradição que é tão importante para mim e para o meu povo. Estes trabalhos, entretanto, foram realizados por pesquisadores não-indígenas.

Logo, a importância desse trabalho foi registrar a variação e mudança na língua Yudja, registro feito por uma pessoa da própria etnia.

Para conferir um caráter de maior confiabilidade às informações contidas neste trabalho de Dissertação, do ponto de vista metodológico, fiz o uso constante da voz dos consultores nativos da comunidade para enriquecer a temática durante a pesquisa neste meu trabalho. Foi utilizado o expediente metodológico da entrevista e de conversas

informais com os anciãos da comunidade. Ademais, recorri às sempre esclarecedoras informações fornecidas pelos historiadores Nario Juruna e Sadea Juruna.

Este trabalho foi desenvolvido na Terra Indígena Xingu, aldeia Tuba Tuba, com a participação de comunidade da aldeia Tuba Tuba e dos alunos do ensino médio, durante a realização das entrevistas.

No primeiro passo deste trabalho, marquei uma conversa com a comunidade e os alunos na Escola Estadual Central de Educação Básica Central Kamadu para explicar a importância e o objetivo do meu projeto.

Durante essa conversa, a comunidade reconheceu a importância do meu trabalho, principalmente, os pais dos alunos e os professores, porque, em alguns momentos, foram encontradas as fontes que tratam desse tema que foram elaboradas pelos pesquisadores não indígenas.

Um ancião da aldeia, pai de aluno, Lafusia Juruna, durante essa conversa disse:

É boa essa proposta, porque nós ainda não temos os materiais didáticos suficientes na nossa escola para os professores trabalharem com os alunos. A gente precisa de materiais como este para facilitar a aprendizagem das crianças e até mesmo o trabalho de professores. Se este trabalho for feito mesmo, tem que servir para todo mundo, como fonte de pesquisa dos alunos na escola, não apenas só para uma pessoa e tem que ser bem feito com participação de alguns anciões para ser um material completo e de qualidade.

O ancião Tarinu Juruna também reforçou a fala do Lafusia, ressaltando também sua preocupação sobre os materiais que são usados na sala de aula com os alunos. Ele destacou a importância do meu trabalho acadêmico durante a conversa realizada.

Assim, os demais que estiveram presentes nessa primeira reunião que eu tive com a comunidade da aldeia Tuba Tuba, também concordaram com a proposta. Os anciãos da aldeia se colocaram à disposição para contribuir para o trabalho. Depois dessa conversa, comecei a coletar algumas informações com os anciãos da aldeia. Apresento abaixo a descrição dos três consultores nos quais essa pesquisa está baseada.

A primeira entrevista foi feita com a anciã Nario Juruna, historiadora da aldeia com 62 anos de idade, moradora na aldeia Tuba Tuba e é falante da língua materna desde criança. Ela é uma especialista, conhecedora da cultura tradicional e narrou a história do surgimento do povo e falou sobre as palavras antigas e as palavras dos dias atuais.

No capítulo I, apresento em detalhe a entrevista da consultora Nario Juruna sobre o surgimento do povo Yudja e a variação e mudança da língua Yudja no capítulo II.

A segunda entrevista foi realizada com o historiador Sadea Juruna, com 56 anos de idade, morador da mesma aldeia. Sadea é o atual cacique da aldeia Tuba Tuba, e no capítulo II deste trabalho ele narra a mudança e variação da língua. Assim como Nario, Sadea vive na aldeia Tuba Tuba e acompanha ativamente o processo da língua falada pelos jovens.

A terceira entrevista foi realizada com a senhora Yawakidu Juruna, com 65 anos de idade. Yawakidu também era moradora da aldeia Tuba Tuba desde criança e falante da língua desde muito jovem. Atualmente, ela mora na aldeia Awaia-missu, junto de seus netos e netas. Em sua entrevista, constante no capítulo II, Yawakidu também narra sobre processo de variação da nossa língua.

As entrevistas foram registradas por meio de fotografias, gravações, transcrições, primeiramente em Língua Materna, e posteriormente traduzidos para a Língua Portuguesa por mim.

O trabalho foi estruturado em capítulos. No primeiro, faço uma apresentação geral do meu povo Yudja e relato a história de formação da escola indígena. O segundo capítulo é uma descrição do processo de variação da língua, segundo a narração da história mítica dos Yudja. No terceiro capítulo, apresento uma descrição das falas gravadas durante conversas do dia a dia, enunciadas por falantes mais jovens e o ensino da língua na escola Kamadu.

CAPÍTULO I: YUDJA ABĪAHA, A ORIGEM DO POVO YUDJA

Neste Capítulo, apresento a origem do povo Yudja, segundo a narrativa de Nario Juruna, uma historiadora de nossa comunidade. Apresento primeiro a narrativa em nossa língua e, em seguida, apresento a versão em língua portuguesa. Relato, também, a história do contato de nossa etnia com a sociedade não indígena.

1.1 Wahu seha Abĭaha

Payũ hidji hi semawaha na si tĭhaũ tade de'ali kĭ dju kara, txabiũ hi i'ali senahĩ pinaha. Yapĭka papa ıla hi Payarema, ide txi'ã ıla hi Pubata, sutade hi iza se ıla Urubiata. Labe hida Abixibiakuamãmã dibi kara su. Urubi daniã he wapĭku tade hi Abixibiakuamãmã mã da daniã ixu. Suduhade hi de'ali kĭ dju kara su. Panahu hi i'ali be txidai kĭ kara yãhã abahu. Sutade hida dupa be hae:

“Ala sawai ha asuu mahĩ tade, ati si kĭ kara yãhã panahu ulube abahu, sawai ha asua hanu ena hide”. Ahi da dupa. Pae dube bĩ tade hi tese hae: “Ba. Matxibĩ da si esi pae yãhã heĩ ’’. Ahi de'ali be. Tese pae dade hi dubĭdaha isawĩ asuu pa, asu tade hi dubia ha aũ, suhi bitu ana asu ta, sutade hi dakĩ dubia ha aũ.

Pahidji wahu sade hi idja wata tĭhaũ, sutade hi sela'ã idjai de a'u te anu. Suhidji itxibĩ hide duha hehi da kamena mēmẽa kĭ da kamenu. Su dubia ha taha asuu duhabi hi kaniã ha taha asuu. Sudade hi ekũ dibi axi ita ĩ pupuha dibi kutaha ita txi asuu duha dju. Suyãhã de hi si alu maxiala ha sebe asuu yãhã djua alu. Abĩ xutaha asuu hi abi imamã ha, sutaha hi maxiala ha ka'a da au anu. Suhi pahidji dawai ha imatxibĩ, abĩxu taha asuu hi abi ha ĩ karai ha dakĩ ana asuu ta, sudade hi iutaha ha tee ahua'urahĩhĩ asuu, alu maxiala ha ixu yãhã ha ĩ sebe kaniã asuu sutaha ha anu.

Su, sutaha assu tese dade hi panahu tese ikamena se ha kua, suhi da meme se dukamena dju, alu maxi lalabe kamena dju seha ha, sudade hi sebe sela ha Yudja kua hae, alu iya apidu seha he esi iya iwaa ha maka, a hi tese. Suhi Yudja da selanu sebe hae.

Lalabe semina'a dade hi selã'ã sã' ĩ pãpãnu sebe, sudade hi sebe aĩwataha idaidahu duha upi'ipiku, tese aĩwataha idahu duhu kua dade hi yubi ıla seha kuakua ĩ hi dakĩ kamena kuakua tese. Sudade hi seda mēmẽ anu, alu maxi sekamena ĩ sekaria ha taha dju lalabe seha ha.

1.2 Mito de origem

Segundo Nario Juruna, historiadora, a narrativa do nosso mito de origem revela que *Selã'ã* (o criador do mundo e da humanidade) vivia com sua esposa e seus três filhos. O primeiro filho se chamava *Payarema*, o segundo *Pubata* e o seu filho mais novo *Urubiata*. E esses três filhos de *Sela'ã* eram do sexo masculino. Eles viviam separadamente de um grupo de pessoas que já existia. Esse grupo chamamos de *Abi Ixibiakuamama* na nossa língua. Em português, índio sem ânus. Esse grupo de pessoas vivia servindo de alimento para *Sela'ã* e seus filhos por causa da sua esposa que foi pega e comida por esse grupo de índios.

Por isso, os filhos de *Selã'ã* se sentiam sozinhos e queriam que tivesse mais gente com eles para fazer amizade, então, pediram ao seu pai que fizesse mais gente. E *Selã'ã*, muito poderoso, assoprou a pegada de um dos seus filhos e, com isso, fez aparecer muita gente.

Soprou dois seres (o pênis e a vagina) que tinham vida própria e aplicou um no corpo de homem e o outro no de mulher. *Selã'ã* soprou também os animais então existentes e deu a cada uma sua capa ou vestimenta. Pegou o fogo do gavião para essas pessoas criadas e pegou a canoa da ariranha. Ele ordenou para que uma parte da humanidade se perdesse na floresta e virasse *Abi imamã* e sua carne pudesse servir de alimento para os Yudja.

Soprou uma parte dos Yudja para que virassem *Karai*, atualmente, chamado não indígena e dotou-os da condição de criadores de gado, enquanto os Yudja atuais assumiram a condição de caçadores. Assim, surgiram mais pessoas e esse grupo passou a ser chefiado por *Selã'ã* e, por onde ele andava, o povo o acompanhava. E antes, o povo não tinha nome, todos eram iguais, falavam a mesma língua e viviam juntos.

Mas, depois que o rio foi libertado pelos filhos de *Selã'ã*, receberam o nome de *Yudja*, que significa “Dono do Rio”. O povo recebeu esse nome porque, antigamente, quando o rio ficava dentro de uma grande garrafa, ali morava um peixe com esse nome *Yudja*. Então, o filho de *Selã'ã* quebrou a garrafa e libertou o *Yudja*, o peixe que ficava dentro. Ao quebrar a garrafa, o rio se espalhou pelo planeta inteiro e, então, o peixe, ao sair da garrafa onde antes ficava disse: “Vocês serão os donos do rio, porque vocês quebraram a água e me libertaram, a partir de hoje darei o meu nome para vocês e de hoje em diante vocês serão chamados de *Yudja*”. Assim o povo *Yudja* recebeu esse nome.

Para diferenciar as pessoas que antes viviam todas juntos, *Selã'ã* resolveu fazer a

divisão do grupo dando um pedaço de barbante para cada grupo que ele mesmo juntou, dividiu o grupo e junto dava uma língua e o nome do grupo, e assim foram divididos os grupos com línguas diferentes e nome de etnias diferentes. Como conhecemos atualmente, cada povo com suas línguas e culturas diferentes, inclusive, o não indígena.

Para Tânia Stolze Lima (2005, p. 41):

as três criações sucessivas prefiguram a diversificação a que a humanidade está destinada: uns permanecerão Yudjá, os outros serão transformados em *abi imama* e em *karai*. As narrações de Areãdu abrem-se com uma cena de criação - Outrora, nós outros [os Yudjá] não existíamos, *Selã'ã* existia, nós outros não existíamos, a mulher de *Selã'ã* existia... -, na qual os Yudjá são os primeiros humanos, erguendo-se das pegadas dos filhos de *Selã'ã*. Já as narrações de Kadu alternam-se quanto ao terceiro ato da criação: quando este implica a transformação da madeira, surgem os futuros *karai*, mas quando o xamã cria as três levas pelo sopro, a primeira corresponde aos futuros *karai*, e os Yudjá passam para o segundo lugar.

A mesma autora também se indaga sobre a origem das mulheres Yudja, conforme ela relata:

A origem das mulheres pode pôr, por si mesma, um problema cuja solução é capaz de abalar a afirmativa de que o criador dos Yudjá tenha sido o próprio *Selã'ã*. Eu mesma o suscitei uma vez, quando me pareceu dissonante que mulheres preexistissem à criação da humanidade. O narrador, Kadu, não se afetou quando indaguei a origem das esposas de criador - "Havia já tanta gente quando ele se casou..." - e prosseguiu o relato, acrescentando que existia uma humanidade antiga antes da criação da humanidade moderna por *Selã'ã*. (LIMA, 2005, p. 39)

Desse modo, percebemos que o relato feito por Nario Juruna e os relatos coletados pela pesquisadora coincidem nos pontos principais, mesmo que os colaboradores da pesquisa dela tenham sido Areãdu e Kadu. Somos considerados os donos do rio, como o nome de nossa etnia significa.

Na próxima seção, apresento o histórico do contato do povo Yudja com os não indígenas desde o século XVII.

1.3 Histórico de contato do povo Yudja - ou histórico das migrações do povo Yudja na Bacia do Rio Xingu (século XVIII até o século XX)

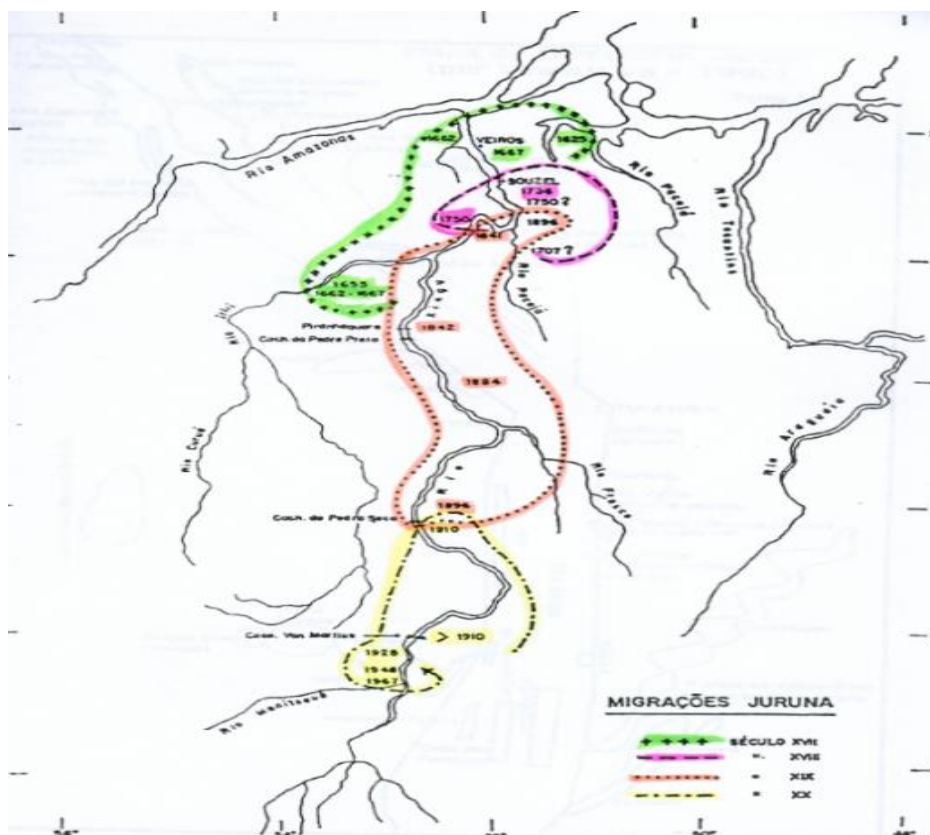
Yudja é a autodenominação de meu povo, mas este é mais conhecido como Juruna. Segundo pesquisa realizada por Tânia Stolze Lima (2005), há muitos anos, nossos antepassados eram os antigos que habitavam as ilhas e penínsulas do baixo Xingu, com uma população muito grande. A ocupação dessas ilhas pelos Yudja foi registrada por ocasião da fundação da cidade de Belém, no Estado do Pará.

Mapa 01: Bacia hidrográfica do Rio Xingu, nos estados do Pará e Mato Grosso.



Fonte: Oliveira, 1970.

Mapa 02: Migrações do povo Yudja na bacia do Rio Xingu do século XVII até o século XX



Fonte: © Instituto Socioambiental, 2006.

Com a fundação dessa cidade, as terras dos Yudja e dos seus vizinhos foram invadidas pela sociedade não indígena. Nessa época, o povo Yudja sofreu o peso do avanço dos invasores, como seringueiros e de outros povos indígenas que viviam também nessas terras ancestrais. A partir desse momento, o povo Yudja começou a fugir da briga com os seringueiros e com outros povos indígenas, subindo o rio para construir uma nova e grande aldeia onde está localizada a cidade de Altamira, no estado do Pará.

Porém, passados anos, a maior parte dos Yudja voltou para trás, trilhando o caminho de volta, ou seja, descendo o rio.

Figura 01: Os Yudja na cachoeira Von Martius com o explorador alemão Karl Von den Steinen em 1884.



Fonte: Von Den Steinen, K. 1942 (1886).

Um número reduzido de pessoas continuou subindo o rio, enfrentando as brigas com outros povos. Assim, por conta de tantos combates e enfrentamentos, a quantidade do povo diminuiu muito. Após esta longa jornada épica, parte do povo Yudja se instalou na região do Alto Xingu, atual Terra Indígena Xingu, no estado de Mato Grosso.

Figura 02: Vista aérea do Rio Xingu, aldeia Tuba Tuba, Parque Indígena do Xingu-MT, Brasil.



Fonte: Equipe da Prefeitura do Município de Marcelândia-MT, 2021.

Mapa 03: Mapa do Território Indígena do Xingu



Fonte: ISA – Instituto Socioambiental, 2006.

O povo Yudja se instalou nessa região com uma população de aproximadamente 278¹ pessoas, segundo censo da SESAI-Secretaria Especial de Saúde Indígena, 2001. Mas hoje, após o último censo, de 2010, observa-se aumento significativo devido a inúmeros nascimentos e baixa taxa de mortalidade. De acordo com censo da Siasi/Sesai, (2014), atualmente, chegamos a 880 indivíduos.

Desde o século XVIII, os Yudja vivenciaram alguns momentos de contato com a sociedade não indígena. Porém, naquela época, até meados da década de 1950, parte do povo Yudja subiu o rio Xingu, evitando conflitos e o contato permanente com as frentes de ocupação da bacia do rio Xingu.

Na década de 1950, houve o contato oficial do governo com os povos indígenas habitantes das cabeceiras do rio Xingu, realizado pelos irmãos Villas Boas a partir de

¹ Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna>, acesso em 29.07.2022

1947.

A demarcação do Parque Indígena do Xingu (PIX) se deu nos anos 1960, e o contato permanente com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) provocou profundas mudanças na sociedade Yudja. Já não era possível ter muita mobilidade no território, restringindo a ocupação ao território demarcado e também ocorreu a criação de novas funções e trabalhos que antes não existiam, como funcionários da FUNAI, saúde e educação.

Esse novo contexto transformou a formação dos jovens, que antes era focada nos conhecimentos tradicionais do povo Yudja, tais como a cerâmica, tecelagem, cestaria, arquitetura, sistema agrícola, medicina tradicional. Depois do contato começou a surgir a necessidade de novos papéis e funções, que passaram a ser exercidas pelas pessoas mais jovens, como professores, auxiliar de enfermagem, agentes indígenas de saúde, agente indígena de saneamento, gestores de escola e associação, agentes de manejo, apicultores, entre outros.

A formação do jovem passou a ficar dividida entre a aquisição dos conhecimentos tradicionais e ocidentais. O tempo, antes dedicado exclusivamente ao conhecimento tradicional, passou a ser destinado também às novas formações profissionais.

Por isso, a escola tem essa função de ensinar vários conhecimentos, por meio da interculturalidade, oferecendo a oportunidade de formação no conhecimento ocidental e também o fortalecimento do patrimônio cultural Yudja.

1.4 Ocupação do espaço pelos Yudja na atualidade

Atualmente, vivemos na Terra Indígena Xingu, localizada no estado de Mato Grosso, com uma população de aproximadamente 880 pessoas, distribuídas em onze aldeias: Pequizal e Paksamba, localizadas no município de São Félix do Araguaia; Aribaru, Pakaya, Maidá, Mupá, Karimã e Kamiĩ no município de São José do Xingu e Parureda, Tuba Tuba e Maĩdĩka são localizadas no município de Marcelândia, norte do Estado de Mato Grosso, próximo à rodovia MT - 322, também chamada de BR-080. São aldeias ribeirinhas banhadas pelos rios Xingu, Rio Preto e Awayamissu, importantes rios da Terra Indígena Xingu.

Segundo a historiadora *Nario Juruna*, durante muitas décadas, o povo Yudja vivia em uma única aldeia. Com o decorrer do tempo, a população aumentou e, então, algumas

famílias começaram se separar, abrindo novas aldeias para morar. Porque, quando aumentou a população, não dava para morar na mesma aldeia. Algumas famílias não ficavam sossegadas por causa do convívio pouco amistoso entre os próprios parentes da aldeia. Assim, o povo Yudja começou a se dividir nos últimos anos.

A aldeia principal é Tuba Tuba, situada à margem direita do rio Xingu, localizada no Município de Marcelândia no Estado de Mato Grosso.

As matas que cobrem as terras das nossas aldeias são matas de transição entre cerrado e floresta amazônica. Graças a estas densas matas, é que o povo Yudja pratica a caça de anta, macaco, mutum, porco queixada, entre outros animais que são consumidos na alimentação diária. Outro produto muito apreciado pelos Yudja são os peixes pescados no rio Xingu, além de produtos cultivados na roça, como a mandioca, batata, cará, milho e banana, por exemplo.

Cada aldeia possui um representante político e as decisões comunitárias são discutidas pelo conjunto das pessoas que compõem a comunidade. Porém, a maior autoridade política é exercida pelo cacique principal, que exerce o papel de representante de todo o povo Yudja. O cacique principal é Sadea Juruna, morador da aldeia Tuba-Tuba.

Nos últimos quatro anos, o povo Yudja se organizou em governança, tendo representante como cacique geral e o seu vice, para ter o melhor representatividade nas políticas interna e externa, porque, desde a década de 1980, sofremos graves impactos ambientais com o desmatamento e as queimadas provocados pelas fazendas agropecuárias, o assoreamento do rio Xingu e os seus afluentes pela destruição das matas ciliares, a contaminação das águas e do solo por agrotóxicos, a instalação de hidrelétricas no rio Xingu e seus formadores. Esses problemas se agravam, porque as nascentes do rio Xingu estão localizadas fora do território demarcado.

Estes impactos ambientais também afetam a nossa vida. Até hoje, enxergamos que o mundo atualmente está sofrendo muitas mudanças, por causa dos avanços socioeconômicos e de novas tecnologias da sociedade envolvente. Vemos que no mundo de hoje a situação é grave e é preocupante para nós, está tendo grande desmatamento e o clima está diferente do que era antes.

Para evitar que isso piore, os professores, juntamente com as lideranças, estão lutando e conscientizando os próprios parentes e os proprietários das fazendas vizinhas, para que eles compreendam e respeitem como é a forma de lidar com a natureza e com os Territórios Indígenas. Nós, povos indígenas, não só enfrentamos desmatamentos e

poluições, enfrentamos as violências e morte por nossos territórios. Além disso, também enfrentamos as doenças que antes não existiam aqui no nosso território. Uma das doenças que o mundo enfrentou, além dos povos indígenas, é a pandemia de novo Coronavírus que, aqui na minha região, atingiu minha comunidade, dificultando muitas demandas.

Além dessa organização interna, temos uma organização somente dos jovens Yudja, para dar continuidade às lutas dos nossos antepassados pelos nossos direitos e território onde estamos vivendo. Já que os jovens atuais têm uma compreensão do conhecimento não indígena, estão seguindo o Protocolo de Consulta dos Povos do Território Indígena do Xingu, o direito de ser consultado sobre qualquer decisão do governo Federal, Estadual e Municipal que possa nos afetar de alguma forma, como por exemplo: a construção de obras no entorno do nosso território, novas leis, mudanças nos órgãos que trabalham conosco e formulação de política públicas que nos dizem respeito são exemplos de decisões que só devem ser tomadas após consulta. Dessa forma, o povo Yudja está se organizando para enfrentar o desafio das atuais políticas brasileiras.

E como forma de facilitar a convivência comunitária, as aldeias estão localizadas próximas umas das outras. O acesso, bem como, os deslocamentos de uma aldeia a outra e até mesmo para as cidades próximas é feito pelo rio Xingu, por onde podemos chegar de barco e até mesmo de canoa.

Na próxima seção, descrevo a história e o papel da escola para o nosso povo.

1.5 História e papel da escola no fortalecimento do povo Yudja

Até 1994, não existia a escola na comunidade Yudja, nem em outras aldeias de outros povos do Xingu. No ano de 1994, começou o primeiro projeto, Projeto Tucum, realizado pelo Instituto Socioambiental e pela Seduc-MT para formar algumas pessoas em nível de magistério para atuar como professor indígena no Parque Indígena do Xingu (PIX), atualmente, Terra Indígena Xingu.

Esse projeto trouxe os primeiros conhecimentos importantes para ajudar a defender a cultura e o direito indígena a um modelo de educação específica e diferenciada.

No início, era bem difícil trabalhar esses conhecimentos com os alunos, porque não tinha escola e tampouco materiais didáticos para os professores trabalharem com suas comunidades. No segundo projeto, Urucum Pedra Brilhante, foram elaborados alguns materiais com as grafias das línguas faladas no PIX por cada sociedade xingwana.

Segundo Troncarelli (2021, p.43):

A ideia de um projeto de formação de professores indígenas foi discutida com as comunidades em 1993 e o projeto redigido com o apoio e participação de Megaron, ao final da administração de dez anos como diretor do TIX através da Funai. Os primeiros contatos com a Fundação Rainforest da Noruega (RFN) foram feitos por Megaron e seu tio, Ropni (Raoni) Metyktire, que conseguiram recursos para o projeto de formação de professores e para a demarcação da Terra Indígena Mekrãnotire.

Ainda de acordo com a autora, no ano de 1996, o Instituto Socioambiental ficou responsável pela formação de professores.

E pelo projeto de fiscalização e reavivitação das fronteiras, direcionados a todos os povos da TIX, financiados pela RFN. O projeto de fiscalização passou a ser gerenciado posteriormente pela Associação Terra Indígena Xingu (ATIX). (TRONCARELLI, 2021, p.43)

Ao analisar os resultados do Projeto de Formação dos Professores, a mesma autora afirma que:

De um lado não foi possível desenvolver uma atuação mais intensa com cada povo, voltada para projetos de escola mais específicos. Por outro lado, foi possível preparar jovens de quase todas as etnias para atuarem como professores e como assessores políticos das lideranças nas relações interculturais, nas políticas de defesa e gerenciamento da TIX. Infelizmente, com o fim deste projeto, a articulação entre os professores de cada povo também se encerrou, o que contribuiu para a atual falta de diálogo em relação à política de educação escolar e saúde. (TRONCARELLI, 2021, p.45)

Os professores Yudja que participaram do Projeto Urucum Pedra Brilhante foram: Tarinu Juruna, Adjihá Yudja (já falecido), Yabaiwá Juruna e Karin Juruna. Uma parte importante do Projeto de Formação foi a produção de material didático específico nas línguas de cada etnia, como descreve TRONCARELLI (2021, p.50):

Durante o processo de criação de alfabetos para suas línguas, os professores indígenas iniciaram a elaboração de livros destinados à alfabetização dos alunos. Durante os cursos foram desenvolvidas reflexões pedagógicas, jogos e atividades, visando orientar os professores no processo de alfabetização. Durante a elaboração de livros de alfabetização, os professores redigiram textos, produziram ilustrações e atividades a partir de temas geradores, com textos e atividades relacionados entre si. Essa forma de pensar a alfabetização e a construção do livro se contrapõe a uma visão tecnicista em que palavras e textos, sem relação temática são agrupados e o objetivo é abordar aspectos técnicos relacionados à escrita das línguas.

Porém, no início do ensino das línguas maternas, os alunos e a comunidade Yudja

não davam importância para a escrita da própria língua, porque não entendiam qual poderia ser seu uso, uma vez que todas as comunidades eram falantes de línguas indígenas e não viam sentido em aprender a escrita, já que falar todo mundo sabia; muitos achavam que não tinha como escrever a língua falada. Aos poucos, perceberam que a escrita ajudava a entender a língua portuguesa e a própria língua.

Uma outra preocupação recorrente era que a escola acabaria com as práticas culturais tradicionais. Ao mesmo tempo, os professores eram muito jovens e não tinham facilidade para explicar o objetivo da escola, então, não havia diálogo. Por outro lado, alguns pais de alunos mandavam seus filhos estudarem na cidade por não acreditarem no potencial dos professores indígenas. Isso preocupava os primeiros professores formados pelo Projeto Tucum, porque causava uma influência muito grande na nossa cultura, principalmente, em relação ao desrespeito às regras tradicionais.

Foi aí que, no ano de 1994, as comunidades Yudja de três aldeias, Pequizal, Paksamba e Tuba Tuba, preocupadas com a formação das futuras gerações, decidiram criar as salas de aulas anexas.

Neste ano, as comunidades Yudja começaram a entender a importância da escola, haja visto que, nas aldeias, as novas gerações poderiam estudar e aprender a escrever a escrita do não indígena e, ao mesmo tempo, aprender sua própria cultura e seu modo de viver.

As salas anexas funcionaram durante doze anos (1994 a 2006) vinculadas à Escola Central Diauarum, a primeira escola da Terra Indígena, atualmente, chamada de “baixo Xingu” que foi centralizada e reconhecida como escola estadual pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Dessa forma, as escolas que foram criadas posteriormente acompanhavam, ou seja, usavam o mesmo Projeto Político Pedagógico da escola central Diauarum, que foi elaborado pelos professores de todas as escolas do Xingu durante o curso de formação. Só que, mesmo elaborado com a participação de todas as etnias do Xingu, o Projeto Político Pedagógico da escola não dava certo no dia a dia em funcionamento da escola de cada comunidade, principalmente, em relação ao calendário, nos meses que são realizadas as atividades práticas e culturais conforme a realidade de cada povo.

A comunidade Yudja elaborou um documento para o governo do estado de Mato Grosso, solicitando a construção de uma escola de alvenaria na aldeia. Assim, a escola foi construída e passou a funcionar como escola estadual central, com a denominação Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu. Foi criado um Conselho

Deliberativo da Comunidade Escolar, em 29 de agosto de 2007, por meio do decreto n.º 8.083, com a autorização para funcionamento do Ensino Fundamental. No decorrer do tempo foram criadas as salas anexas nas aldeias Pequizal e Paksamba.

Atualmente, a escola Kamadu está com implantação do ensino médio que funciona desde o ano de 2016, conforme os artigos 4º e 5º da resolução n.º 384/04, do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso, tendo cinco salas anexas em funcionamento nas aldeias; Mupá, Parureda, Awayá, Maidika e Pequizal.

Dessa forma, a escola foi criada na comunidade Yudja, com o objetivo de valorizar e fortalecer o conhecimento da prática cultural do povo, como ensinar as crianças a escrita da língua materna.

Depois da criação da escola, os professores e as comunidades Yudja se juntaram para elaborar o próprio Projeto Político Pedagógico da escola conforme a realidade do povo das escolas Yudja. A partir daí, as escolas Yudja funcionaram de acordo com a realidade do nosso povo, como está explicitado em nosso PPP:

Kamadu quer dizer bonita, algo atraente. Porque a escola para nós deve ser atrativa para que as crianças, jovens e adultos se encontrem para poder aprender e ensinar de forma coletiva, diferente do ensino tradicional que acontece em casa junto às famílias. Significa também o nome de uma cuia grande com uma pintura muito bonita que é usada para tomar *Maritxa* - bebida tradicional do Yudjá. Nessa cuia cabe muito *maritxa* e é usada durante as festas para que todos bebam nela e também quando chegam muitas visitas. Assim também é a escola, ela é de uso coletivo. Esse nome também é dado para a filha do chefe ou para mulheres que são lideranças na comunidade ou então para mulheres muito lindas. (PPP, p. 11-12, 2007)

Atualmente, os Yudja têm, nas onze aldeias, duas escolas estaduais indígenas de ensino fundamental e médio funcionando, uma na aldeia Aribaru, Escola Estadual Indígena Bitahama, nome dado pela comunidade desta aldeia. Atualmente, essa escola não possui salas anexas. Já na aldeia Tuba Tuba, funciona a Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu, com cinco salas anexas.

Depois da sua construção, a escola foi estadualizada, criada pelo Decreto nº 8.038, publicado no Diário Oficial de 29 de agosto de 2006, como Escola Estadual Central Indígena Kamadu, situada na aldeia Tuba-Tuba, Território Indígena do Xingu, no município de Marcelândia.

Diz no Art. 2º, do Projeto Político Pedagógico-PPP, a Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu, integra-se à rede estadual de ensino, mantida pela Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso-SEDUC, inscrita no CNPJ

nº 08.681.586/0001-09, assessorada pela Assessoria Pedagógica do município de Marcelândia-MT, com base nos dispositivos constitucionais vigentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº 9394 de 20/12/1996), Resolução nº 03/99 CEB/CNE e Resolução nº 201/CEE/2004 que fixa normas estaduais para estrutura, funcionamento e organização das escolas indígenas no sistema estadual de ensino e Decreto Presidencial nº 6861/2009, que possibilitou a criação dos territórios etnoeducacionais.

O Art. 3º, do Projeto Político Pedagógico, estabelece que é de competência da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – SEDUC, a construção, reforma, ampliação e manutenção da parte física da escola, bem como, a remuneração do pessoal docente e administrativo necessário para o funcionamento da Unidade Escolar, e os repasses da Merenda Escolar e Recursos do PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação, reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação Indígena e no Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso no ano de 2007.

Atualmente, no ano de 2022, são 185 (cento e oitenta e cinco) alunos matriculados no total nessa escola, tendo sete professores na Escola Central e cinco nas salas anexas, sendo todos professores indígenas.

Dentre as atividades de ensino desenvolvidas nesta escola, temos projetos com vistas à preservação da nossa cultura e os costumes como histórias Yudja, conhecimento tradicional do nosso povo, valorização da língua materna, valorização da sabedoria dos mais velhos, valorização do uso de remédios tradicionais, danças, músicas, festas e outras práticas da cultura tradicional Yudja.

Além da escola, temos na aldeia uma Unidade Básica de Saúde e a sede da Associação Yarikayu. Estas instituições também contribuem para mantermos a nossa cultura viva, pois desenvolvem projetos dirigidos às crianças, tais como artesanatos, fazer canoa, caça e pesca, cultivo da roça, música, instrumentos musicais, preservação da nossa língua, dança e as regras de convivência segundo os nossos costumes e tradições.



Fonte: Arewana Juruna, 2017.

Figura 04: Os jovens durante aula prática



Fonte: Txapina Juruna, 2018.

Atualmente, está sendo desenvolvido o projeto de fortalecimento da medicina tradicional Yudja, realizado pela Associação Yarikayu, coordenado pelo presidente Karin Juruna e atual diretor financeiro, eu mesmo, Txapina Juruna. Com o desenvolvimento desse projeto, serão realizadas expedições para buscar as plantas medicinais. Depois de ter esses materiais, também serão realizadas as oficinas com a participação de anciãos da aldeia e os alunos. Durante essas oficinas, os alunos (as) serão ensinados pelos anciãos para aprofundar o conhecimento tradicional de uso da medicina tradicional.

Esse projeto que está sendo desenvolvido pela Associação Yarikayu, tem como

objetivo fortalecer e valorizar prática da medicina tradicional.

Os elementos da nossa cultura que são mais trabalhados na escola e nas comunidades Yudja são a língua materna Yudja, as festas *Kuataha de Abia* (a Festa do Centro da Aldeia) e as festas de flautas. Essas festas são realizadas, principalmente, no meio do ano, nos meses de junho e julho, com duração de um mês e com a participação de todo mundo, homens, mulheres e crianças. Além de moradores da aldeia Tuba Tuba, também são convidadas as comunidades das outras aldeias para participarem dessas festas que acontecem na aldeia principal. Durante essas festas, todas as pessoas se enfeitam com a tinta de jenipapo, urucum entre outros enfeites como penas de aves e linhas de algodão, como se pode observar nas Figuras 05 e 06:

Figura 05: Os jovens se enfeitando para festa do centro da aldeia



Fonte: Aridapi Juruna, 2018.

Figura 06: Os jovens dançando dentro da casa.



Fonte: Arewana Juruna, 2018.

Desde o ano de 2002, os professores, juntamente com a comunidade Yudja, têm se preocupado com a preservação do meio ambiente e em registrar algumas partes das documentações da tradição oral, como as histórias ancestrais e criar formas de preservar tanto a nossa biodiversidade, bem como nossas histórias. Assim, tiveram a ideia de criar uma associação, nesse mesmo ano, para conferir um caráter de organicidade ao modo de vida Yudja, no qual atualmente, mostramos a força da nossa organização política, da cultura e da história, mantendo a língua Yudja viva. Até o presente momento, a Associação Yarikayu desempenha um papel importante na política indígena regional, participando de eventos, desenvolvendo atividades de fiscalização, mantendo diálogo com proprietários de terras que fazem limite com a Terra Indígena Xingu e no desenvolvimento e execução de projetos voltados para a revitalização cultural dos Yudja.

Foi a partir da criação da Associação Yarikayu que o povo Yudja começou a desenvolver pequenos projetos de revitalização da cultura tradicional, tais como os 5 (cinco) projetos de música que ensinam as gerações mais jovens a tocar flautas que, na língua, chamamos de *ãwã parê*, *waruba*, *arapadika*, entre outros. Além disso, conseguimos registrar 169 letras de músicas em livro (*Yudja parê Abiaha - A história das Flautas Yudja, Catálogo de instrumentos Musicais do Povo Yudja*, 2006), gravações em

CD da *Kuataha de Abĩa* e da flauta *pĩreu xĩĩ* também.

As escolas têm exercido um importante papel nesse processo de fortalecimento das práticas culturais Yudja. O espaço de sala de aula tem contribuído para que as gerações mais velhas transmitam às gerações mais jovens esses conhecimentos inerentes às práticas culturais tradicionais. Nessa parte, alguns anciões são convidados no planejamento de aula pelos servidores da escola, para juntos planejarem os temas tradicionais que são importantes para serem ensinados na sala de aula. Tendo essa participação dos anciões, a escola contando com a parceria da Associação Yarikayu, elaborou o primeiro pequeno projeto de regaste da prática de arco e flecha. Com esse projeto foi realizada a primeira expedição na região da Cachoeira Von Martius, onde o povo Yudja habitava em tempos passados.

Essa expedição foi realizada com a participação de alguns anciões da aldeia em busca de materiais utilizados na fabricação do arco e da flecha. Assim, os anciões da aldeia começaram a se aproximar da escola para possibilitar o acesso ao conhecimento e a experiência a respeito dessas práticas, ensinando os alunos dentro da sala de aula e realizando as oficinas para repassar conhecimentos relativos à construção artesanal do arco e da flecha.

Um dos projetos também foi realizado para a retomada cultural das músicas e danças. Nas imagens abaixo, apresento alguns registros das programações da dança cultural Yudja, e na Figura 08, os jovens praticando cantos e danças que chamamos de *Kuataha de abĩa* na nossa língua, que significa “festa do pátio da aldeia”. Essa festa é realizada com participação de todo mundo, homens, mulheres, jovens e até as crianças participam dessa festa.

Figura 07: Programação da Dança



Fonte: Taiwana Juruna Kayabi (2007).

Figura 08: Os jovens dançando *kuataha de abia* no centro da aldeia



Fonte: Kiko (2020).

1.6 Formatura dos alunos Yudja

Aos dezoito dias do mês de agosto de dois mil vinte e dois, às oito horas da manhã, na casa do Centro, localizada na aldeia Tuba Tuba, Território Indígena do Xingu, município de Marcelândia, Mato Grosso, realizou-se a formatura da primeira turma do ensino médio da escola Yudja, organizada pelo Movimento de Jovens Yudja, Associação Yarikayu e Escola Kamadu. A formatura contou com a participação de todo (as) alunos (as) e seus familiares das seguintes aldeias: Pequizal, Maidika, Awaya, Parureda e Mupá, que são as salas anexas da escola central Kamadu e representantes de algumas instituições, como UNIFESP, Projeto-Xingu e algumas pessoas da instituição parceira, como Kátia Yokari Ono, representando o Instituto Socioambiental - ISA e a Professora Cristina Fargetti Martins, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, para participar da cerimônia da formatura. A cerimônia da formatura teve início por mim, como dirigente do evento e, ao mesmo tempo como professor, agradecendo todas as famílias dos alunos, as lideranças e os representantes de algumas instituições presentes citadas acima e, em seguida, os alunos (as) apresentaram uma dança e canto cultural saindo de uma barraca tradicional específica, para o centro da casa.

Figura 09: Os alunos (as) na cerimônia da formatura.



Fonte: Txapina Juruna, 2022.

Figura 10: Equipe da mesa durante entrega de certificados.



Fonte: Txapina Juruna, 2022.

Após o término da apresentação, os formandos foram aplaudidos pelos presentes. E, em seguida, foi feita leitura de uma mensagem de agradecimento pelo aluno Dudirewa Juruna, escrita em Yudja. Os assuntos da mensagem destacaram a extrema importância sobre a carreira dos estudantes e continuidade de estudos para aprofundar mais os seus conhecimentos e lutar em prol das suas comunidades. Após a leitura da mensagem, passei a palavra às equipes que compuseram a mesa. Sendo assim, o Dr. Douglas Rodrigues, como representante da Unifesp, por sua vez, agradeceu os alunos (as) pelo convite e a comunidade, parabenizando os formandos e propôs sobre a importância da aprendizagem dos (as) alunos (as) e destacou que os alunos Yudja sigam seus estudos diante do conhecimento ocidental valorizando sua cultura, seus costumes, crenças e fortalecimento da medicina tradicional que hoje o povo Yudja pratica, que tenham união entre os povos para se conectar com a natureza e para lutar em defesa do meio ambiente para ter uma boa educação e levar o ensinamento em diante. Lembrou dos primeiros professores que se formaram durante o projeto de formação de professores indígenas do Xingu e disse que os alunos que hoje estão se formando é o fruto de trabalho professores anteriores e que, hoje, alguns desses professores não estão mais entre nós. O mesmo ressaltou sobre o edital da UNIFESP, que tem a vaga para os indígenas na área de medicina e técnico de enfermagem, que os alunos que tiverem interesse podem concorrer no seletivo, encerrando assim a sua consideração.

Assim, sucessivamente, se seguiram agradecimentos e congratulações aos formandos pelos demais representantes. Sendo assim, após ouvir os demais, foram entregues os certificados pelo Diretor da escola, Tawaiku Juruna, seguindo a lista em ordem, convocados por mim, como mediador do evento.

Figura 11: Aluna da aldeia Pequizal com certificado



Fonte: Aridapi Juruna, 2022.

Figura 12: Aluno com certificado no meio do seus pais



. Fonte: Aridapi Juruna, 2022.

Durante as entregas dos certificados, teve muita cantoria. Os trinta e três alunos (as) se formaram, recebendo seus certificados de conclusão do ensino médio regular. E, por fim, para encerrar, eu, Txapina Juruna, como mediador da cerimônia da formatura, agradei a todas as famílias e as comunidades presentes, pela participação da formatura e confiança no exercício de uma síntese das gestões administrativa e educacional.

Assim, nada mais havendo a tratar, foi dada como encerrada a cerimônia da formatura, paramos para almoçar e depois seguimos na comemoração da formatura.

Tendo como animação a festa tradicional *Kuataha de abia*, *Kirivai* e a bebida *Maritxa* ‘caxiri’, uma bebida tradicional fermentada feita de mandioca misturada com a batata doce, a cerimônia de colação de grau dos formandos Yudja se encerrou e eu, Txapina Juruna, como professor, lavrei o presente relatório que será registrado no meu trabalho de pesquisa para mestrado.

Figura 13: Os formandos durante foto oficial.



Fonte: Aridapi Juruna, 2022.

Figura 14: Comemoração após foto oficial.



Fonte: Aridapi Juruna, 2022.

1.7 Os nossos alimentos

Nesta seção estão registradas algumas produções de plantas fartamente encontradas em nossa roça tradicional, projeto *Mikata Ikia*. As fotos das figuras 15 e 16 foram tiradas por mim durante a visita da minha roça no ano 2020.

Figura 15 : Milho tradicional Yudja



Fonte: Txapina Juruna (2020)

Além dessas plantas, nós trouxemos outros alimentos para o Xingu, que, atualmente, ainda existem como: cará, abóbora, melancia, cana, banana, abacaxi e o mamão.

Também existem outros tipos de produtos, que, hoje, os povos xinguanos aprenderam a fazer conosco que são: canoa de madeira e o caxiri, que é a bebida fermentada de mandioca chamada *maritxa* ou *iyakuha* na nossa língua. Um dos exemplos é que os Kayapó aprenderam conosco como fazer arco, flecha e a dormir em rede.

Figura 16: Melancia



Fonte: Txapina Juruna (2020)

1.8 Situação sociolinguística do povo Yudja na aldeia Tuba Tuba

A língua Yudja é classificada por Rodrigues (1986) como pertencente à família Juruna, juntamente com a língua Xipaya, que é falada no Pará, ambas pertencentes ao Tronco Tupi. O Yudja é uma língua em situação linguística oposta ao Xipaya, uma vez que o Yudja está em uso por toda população e o Xipaya é falado por poucas pessoas, embora exista, atualmente, um processo de revitalização da língua.

Os falantes de Yudja habitam, em sua maioria, o Território Indígena do Xingu, no Mato Grosso, em 11 aldeias: Tuba Tuba, Parureda, Aribaru, Awaya, Pakaya, Kamïi, Mupa, Paksãba, Pequizal, Maidika e Maida. Observam-se que todas as pessoas são falantes da língua: idosos, adultos, jovens e crianças. A língua tem muita vitalidade, sendo usada, inclusive, pelos jovens no celular, em *chats*, redes sociais e em mensagens por e-mail. A língua portuguesa é usada em comunicação com não indígenas ou em comunicação com povos de outra etnia. Essa situação linguística favorável está em consonância com o que disse Fargetti (2001):

A maioria dos homens adultos é ao menos bilíngue, falante de juruna e português. Alguns afirmam entender outras línguas do Xingu como kayapó, kayabi, suyá, embora não sejam falantes delas. Já as mulheres dizem-se monolíngues, falantes de juruna somente, mas observa-se que, embora tenham dificuldade para falar, são capazes de uma conversação mínima em português (quando sentem uma curiosidade irreprimível por alguma informação a respeito de um estrangeiro, por exemplo). Seu conhecimento nesse sentido deve ser maior do que o alegado por elas. Inclusive há mulheres casadas com homens de outra etnia que têm melhor desempenho em português. Isso se explica pelo fato de que a língua franca no Xingu ser o português. (FARGETTI, 2001, p. 37)

Neste sentido, podemos considerar os moradores da aldeia Tuba Tuba como bilíngues, pois fazem uso de duas línguas em situações comunicativas diferentes, no sentido apontado por Grosjean (1994, p. 1657) que considera o bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas, dentro de um *continuum* situacional que abrange desde o modo monolíngue de fala (quando um bilíngue interage com uma pessoa monolíngue e usa uma das línguas de seu repertório linguístico), até um modo bilíngue de fala, quando a interação acontece entre duas pessoas bilíngues.

As crianças também aprendem a nossa língua desde pequenas e, somente mais tarde, é que aprendem a língua portuguesa, como Fargetti (2001, p. 31) relata:

As crianças aprendem juruna como primeira língua. As poucas exceções são as filhas de uma mulher juruna e um não-índio não mais residente na aldeia (ex-piloto da lancha Kaituka), que falam um pouco de português desde pequenas. As demais aprendem português somente na escola ou no contato constante com não-índios e índios de outras etnias, morando em Postos Indígenas como o Diauarum.

O fato de as crianças aprenderem a língua Yudja como primeira língua também confirma a vitalidade de nossa língua.

Na tradição Yudja, aprendemos dentro de casa com a família, acompanhando os familiares em atividades realizadas na roça e no mato, como o preparo da roça e o plantio, a pesca, a caça e a procura por materiais para a confecção de objetos do artesanato. No espaço do pátio da aldeia ocorrem outros aprendizados, como a confecção de artesanato, o aprendizado de cantos, danças e das músicas tocadas em 21 tipos de flautas, por exemplo.

A formação oferecida pela família e pela escola possibilita que a pessoa tenha ética para fortalecer e valorizar a sua cultura tradicional.

A escola, com a contribuição dos mais velhos, também estimula a valorização das festas, da língua materna, da pintura corporal, da história do seu povo, da música e da dança. Ao mesmo tempo, a escola deverá preparar os jovens para se expressarem corretamente na língua portuguesa para poder dialogar com os falantes desta língua.

A educação Yudja é desenvolvida para formar para o trabalho e o bom comportamento. A pessoa aprende através da prática, acompanhando alguma atividade, olhando e ouvindo com atenção, imitando o jeito de fazer ou mesmo brincando de fazer as atividades como os adultos.

Para ser bem educado, depende da própria pessoa e do conselho dos pais. Aquela pessoa que ouve os conselhos dos pais pode mudar quando tem uma atitude que não é aceita. Às vezes, ela não percebe sua própria atitude, mas as outras pessoas comentam, os pais aconselham, então, a pessoa pode sentir vergonha e mudar seu comportamento.

Os pais aconselham seus filhos à noite, durante conversas antes de dormir, contando histórias antigas que educam e corrigindo uma atitude errada que o filho ou a filha cometem.

Assim ocorre a nossa educação e nosso jeito de ensinar e de aprender. Durante o desenvolvimento da pessoa, quando a criança começa a andar e falar, nós a chamamos *ali*.

Nessa fase, os pais pedem à criança para pegar alguma coisa, passar um recado ou chamar uma pessoa na outra casa, só para os pais verificarem se realmente aquela criança já entende o que foi pedido.

Também nessa fase, ela deve aprender alguma coisa com sua família, vendo o trabalho dos familiares, imitando e praticando. A criança com 8 a 10 anos já pode começar a ajudar em alguns tipos de trabalho: as meninas começam a aprender a fiar algodão e fazer tecelagem; os meninos começam a aprender a fazer arquinho e flecha. Eles acompanham os pais na pesca, na roça e nas festas.

Mas, para alguns trabalhos, existem regras e só é permitido fazer a partir de mais ou menos 14 ou 15 anos de idade. Quando essa pessoa se torna *paraha* ‘jovem’, ela passa por uma preparação durante o período de reclusão, onde fortalece e aprofunda seu conhecimento sobre as histórias, comportamento, remédios especiais que toma para crescer saudável e para que consiga realizar as atividades para o trabalho. As mulheres aprendem a fazer cerâmica, tecelagem, pinturas corporais, receitas culinárias e também aprendem sobre o plantio de alimentos. Os homens aprendem a preparar a roça, fazer

casa, caçar, pescar e outras atividades. Assim, eles se preparam para quando se casarem, passarem esses conhecimentos para seus filhos.

A educação na escola deve caminhar junto com a educação tradicional do povo Yudja. A escola ensina a oralidade e a escrita da língua portuguesa para se comunicar com falantes de outras línguas, também deve ensinar a escrita de nossa língua e fortalecer nossa cultura.

Nós entendemos que as pessoas trazem seus conhecimentos para escola e, nela, elas podem aprender e ampliar seus conhecimentos. Tomamos como ponto de partida a nossa própria realidade e nossa cultura e ampliamos esse conhecimento conforme a necessidade de aprendizado para o relacionamento com outros povos indígenas e com os não indígenas.

CAPÍTULO II – A VARIAÇÃO E A MUDANÇA NO USO DA LÍNGUA MATERNA YUDJA

Neste Capítulo, abordo a variação e a mudança na língua materna Yudja, iniciando pela narrativa de Nario Juruna, uma anciã com 62 anos de idade e, em seguida, apresento uma produção textual realizada por um estudante do Ensino Médio, Arewana Juruna com 27 anos de idade.

Destaco, também, neste Capítulo, as reflexões por mim elaboradas a respeito das variações e mudanças presentes na língua Yudja.

2.1 A opinião da narradora Nario Juruna

Para a narradora Nario Juruna, falante da língua materna Yudja, de 62 anos, moradora da aldeia Tuba Tuba, a língua não permanece a mesma em toda as aldeias ou no território onde é falada. Quem varia as palavras são os jovens e crianças. Também os pais não ensinam para as crianças ou jovens quando começam aprender a falar, quando elas e eles aprendem e pronunciam uma palavra de forma diferente, sendo a mesma palavra. Por isso, existem as variações na língua Yudja falada por algumas pessoas das aldeias. Assim, pode-se ouvir, no dia a dia, classificações informais sobre os falares na língua do povo Yudja. Temos por exemplo as palavras *txihe*, *txihidji* e *txidibi*, que, embora possam ser traduzidas como “depois”, apresentam distinção semântica e de uso. *Txihe* significa ‘depois’ e pode ser interpretado também como ‘mais tarde’, por exemplo, “vou depois para a praia” ou “vou ‘mais tarde’ para praia”, e *txihidji* significa ‘depois’, já *txidibi* é uma forma variante, que é usada pelos mais jovens no lugar de *txihidji* e significa que se fará algo após um fato, como “após o almoço, vou descansar”.

Txidibi é uma forma variante, que é usada pelos mais jovens no lugar de *txihidhi*.

Exemplo do uso da palavra *txihe*:

(a) *Txihe uma et abe txa*. ‘Mais tarde, vou para a praia’.

Exemplo do uso do vocábulo *txihidji* em língua Yudja:

(b) *Txihidji una taeta txa*. ‘Depois eu vou tomar o banho’.

(c)- *Txihidji una eta be txa*. ‘Depois eu vou para praia’.

Já a palavra *txidibi* tem um sentido de dizer, que significa “depois daquilo” eu vou almoçar, por exemplo.

Exemplos do uso do vocábulo *txidibi* em língua Yudja.

(d) - *Txidibi una kua be txa*. ‘Depois daquilo eu vou para roça’.

(e) - *Txidibi uma etxuka*. ‘Depois daquilo eu vou comer’.

As pessoas mais velhas falam *txihidji*, que é uma palavra antiga e certa de se comunicar para dizer “depois”, já os jovens modificam a mesma fala usando *txidibi* com o mesmo sentido, mas, na verdade, os significados são diferentes um do outro.

Nario Juruna também fala sobre o empréstimo da língua, que emprestamos e adotamos de uma língua de outro povo, quando não tem uma palavra que pode identificar o nome de algo específico, por exemplos, a palavra papel adotamos da língua portuguesa como uma palavra da língua Yudja, com pronúncia de ‘*papera*’, cavalo ‘*kawaru*’, entre outras. Nestes casos, percebemos que as palavras inseridas na língua Yudja passaram por um processo de fonologização, isto é, os falantes Yudja adaptaram a palavra do português, pronunciando-as com os sons do sistema fonético de nossa língua, o que caracteriza um empréstimo linguístico realizado através de aproximação fonética.

Entretanto, o caso apresentado da variação entre *txihidji* e *txidibi* não podem ser classificados como empréstimos de outra língua. O uso destas duas palavras constitui variação dentro de nossa língua mesmo.

E, como observamos, está acontecendo uma variação no nível fonético e no nível morfológico, pois os fonemas /h/ e /dj/ da palavra *txihidji* estão em variação com os fonemas /d/ e /b/ na palavra *txidibi* na fala das pessoas mais jovens. Já o morfema *-hidji* está ocorrendo com a variação do morfema *-dibi*.

No nível semântico, está ocorrendo uma variação no significado destas duas palavras:

(f) *txihidji* ‘depois’

(g) *txibidi* ‘depois de’

Assim, percebemos que está havendo uma variação no sentido de mudança do significado da palavra *txibidi*.

No nível morfológico está ocorrendo uma variação no significado destas duas palavras:

(h) *txihidji* ‘depois mesmo’

Txihidji é uma palavra composta por dois morfemas: txi + hidji

Txi – é um demonstrativo e – *hidji* é uma posposição que significa ‘de verdade mesmo’

(i) *txibidi* ‘depois disso que aconteceu’

Txibidi é uma palavra composta por dois morfemas: txi + bidi.

Txi – é um demonstrativo e – *bidi* é uma posposição que significa ‘depois que aconteceu’

Essas variantes são alternativas para se dizer da mesma forma para dois aspectos, ou seja, oferecem significados diferentes uma da outra, informação referencial. Alguns falantes podem usar as duas, marcando-as estilisticamente; outros podem usar apenas a mais antiga *txihidji* por causa de alguma restrição social, como faixa etária, por exemplo, mas todos os falantes têm a habilidade de interpretar as duas formas e entender o significado da escolha de uma forma em vez de outra.

Calvet (2002) diz que a maioria dos estudos de variação incide sobre os sons da língua porque as variações nesse nível são, ao mesmo tempo, mais evidentes e mais fáceis de descrever. Só a partir da década de 1970, é que alguns estudos de variação se voltam a campos diferentes do da fonologia. E, junto deles, surgem muitos questionamentos e dúvidas sobre a aplicabilidade da Teoria da Variação e Mudança e, mais amplamente, de técnicas quantitativas para o estudo de fenômenos fora do campo da fonologia.

Para o autor, o valor da análise da variação em sintaxe está em ser um indicador dos processos gramaticais subjacentes, isto é, um indicador das restrições que inibem ou favorecem o uso de uma ou de outra variante, um indicador que também possa predizer mudanças no sistema.

Ainda segundo o autor, ao fazermos um estudo de variação sintática, temos de isolar o contexto em que a variação relevante é encontrada e, gradualmente, isolar aqueles

casos em que a mesma forma tem funções linguísticas diferentes, em que há neutralização da variação e em que há comportamento categórico.

Tarallo (1990), por sua vez, apresenta os conceitos de variação linguística e mudanças linguísticas. Para este autor, em toda comunidade de fala são frequentes as variações das formas linguísticas. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

No livro “A Pesquisa Sociolinguística”, (TARALLO, 1990, pp 9 e 10), o autor cita um exemplo de variação na língua portuguesa:

vejamos um exemplo da língua portuguesa falada no Brasil, em que a marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN; constituinte frasal mínimo, composto de um núcleo substantivo obrigatório, modificado por determinantes e adjetivo) encontra-se em estado de variação. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas, as adversárias do campo de batalha de variação: a variante (1) é a presença do segmento fônico /s/, e a variante (2), em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero”. Uma vez feita a análise segundo o modelo proposto, o aparente “caos” desaparecerá e a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão, consequentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não-linguísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica.

O autor afirma que, nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é sempre precedida de variação. Desse modo, considero que os exemplos (e) e (f) citados acima *txihidji* ‘depois’ e *txibidi* ‘depois de’, encontram-se em variação, pois ambas as formas estão sendo usadas por faixas etárias diferentes da comunidade Yudja. Mas, ainda não se concretizou uma mudança, pois uma variante não apagou a outra.

De acordo com as linguistas Cristina Martins Fargetti e Carmen L. Reis Rodrigues (2008, p. 538), as línguas Xipaya e Juruna são línguas da família Juruna, do Tronco Tupi:

Com base em listas de palavras coletadas por autores no final do século XIX e início do século XX, o Xipaya e o Juruna (Yudja) foram reconhecidos como línguas do tronco tupi, constituindo a família Juruna, juntamente com o Manitsawá, já extinto (sobre o qual há apenas uma lista de palavras de

STEINEN, 1942). Cabe notar que até recentemente o Xipaya era tido como extinto também; contudo, Carmen Rodrigues localizou representantes do grupo e em 1988 iniciou seus estudos com Iawaidu. As línguas da família Juruna eram tidas erroneamente como línguas “impuras” da família tupi-guarani (RODRIGUES, A., 1955).

Por sua vez, Lima (1995, apud FARGETTI e RODRIGUES, 2008, p. 538) afirma que:

Juruna e xipaya seriam dialetos de uma mesma língua, baseando-se em semelhanças notadas entre dados Juruna e a lista de palavras e notas gramaticais de Nimuendaju sobre o xipaya no início do século XX. Contudo, nossa posição é a de que se trata hoje de duas línguas distintas, pertencentes à mesma família lingüística, corroborando a análise de Aryon Rodrigues. Observam-se entre elas um bom número de cognatos, mas há claras diferenças fonológicas e fonéticas, bem como morfossintáticas.

As autoras compararam uma lista de 297 cognatos nas duas línguas, buscando reconstruir a língua antiga, ou a protolíngua, que seria uma língua comum tanto aos Xipaya como aos Juruna. A partir dessa comparação, concluíram que houve mudanças nos fonemas consonantais das duas línguas. Houve variação entre /z/ e /l/, e hoje se nota que /l/ não ocorre em xipaya, sendo, por vezes substituído por /z/. Ou seja, neste caso, houve uma mudança do fonema /l/.

Nos exemplos que apresentamos na Tabela 01, observamos que também está havendo variação entre os fonemas /l/ e /z/ na fala e na escrita de nosso povo Yudja, conforme apresento numa produção textual de um aluno do Ensino Médio.

2.2 Produção textual de um estudante do Ensino Médio

Nesta seção, descrevo o texto de um aluno, do 3º ano de ensino médio, Arewana Juruna, com 27 anos de idade, falante da língua materna Yudja, para identificar as variações da língua Yudja falada atualmente. O aluno Arewana Juruna escreve um texto na língua materna sobre a Regra de Produção da Roça “*Kaneahã de kupahu seha abïaha*”. Nessa descrição, as palavras foram escritas conforme a sua fala verbal, variando as palavras uma de outra, como assinalamos em negrito. As palavras entre parênteses são as formas faladas pela geração mais idosa:

Kaneahã de kupahu seha abïaha

“Bitihu kua txuxi yāhā he iyaha yauda ī txabiū kara tade, axi lamimihu tade **ilaku (izaku)** txa sade hi si waraxi bila dju txatxa i makaxi ta, anu taha **mītxā (mīdjā)** katu hi si pa anana. Sawa dju kua xu sade hi si anasē txi sawa dju kua de **kupahapaha (ūbīabīa)**. Kua ipakuha ha tade, pa pe mayakata’a sade hi si iyaibi mītxa mayakatu anana, ikataū hi si ka’aibi mītxa te anu, ka’aibi mītxa ikatu sade hi si pe ahua isamī yakirīa hide, sutade hi yube tahu yahā ha tīha mā hide. Sudade hi kua adjidji wariwari kara hide, sutade hi kaneahā urahu dade aka mā hide, su yāhā hade hi si iyai bi mītxā ikatu te anana, sutade hi awae ka’a kī be tahu anana. U’ā da hi si lapina mahidjihidji, si u’ā da lapinu seha he ikatu kara tade hi kaneahā lūbaru dade eta hinaka hide ī urahu dade, dude ala tade hi lumimīka hinaka hide.

Dakī hi si kaneahā katu kara sade kapa na apida mahidjihidji, kapa apidu sade hi dakī eta hide ta. Txide hi si **elakaū (ezakaū)** kapa idjidaka hide, suyāhā he hi pate ide ala neā hide, Kazi ha taha idjidaidaka mā hi si hide, Yāūtītī ha taha adīdika mā hi si hide, bitihu hi si sutaha karika mā hide, Yukīdī de hi si urahu etxuka mā hide i hi si dakī ā ī de etxuka mā hide ta, sutaha isamī dude ala tade hi uupa atxā’ātxā anana, i eta hinaka hide ta. I hi si dakī mayakatu kara sade kua de txi’ā mamī māhidjidji, si yu’i mamī tade hi isamī kanēahā de ala hide sutade hi kaneahā eta hide. Kahu hi si adīū iwa mamī txatxa. Ubahaū sade kua bikarahu txa seha he mamī sade, anumeta dakī ibikarahu wī sade hi si isamī dju wīa anana, sutade hi kaneahā inimā isamī i’ā dade eta hide. Xaa hi yube mahidji te anu, makaxi hi dakī ī waraxi ta, mayaka hi yube te anu hide, dakī dude ala tade hi etata. Suyāhā de hi si ide kupaha hidji anana.

Dakī lubaru tade idu txa a sade hi si kupaha hidji txatxa, lapina hinaku sehahe hi si **ilaku (izaku)** te txatxa, u’ā da hi si lapinaū anu, dakī hi eta hide ta, da lapinu sade hi si txau kua du anu, da lapinu sade setaba dibi masehu tade kī hi si txa kua du hide.

Meme hi si sekaneāhā dudu anana. Sawa dju idudu sade hi, sawa **daza (dala)** he yāhā na subi txa tade sekaneāhā eta hide. Amiā kua **ila (iza)** he tade yube txa sade, ana baku sade hi si wīa mā kua be idju hide, si abaku seha he anumeta kua bikarahu idju wī tade hi mayaka urarahu dade aka mā hide, ipakī hi papa ihuraha hide, suduhahe hi aka mā hide, aka hi lumimika hinaka hide.

Etī abaku sade hi mayaka urarahu dade aka ikuikuta hinaka hide, tīhamā hi ikia hide, aka hi xia hide. Dakī hi si ahua abakaū kua **ila (iza)** he anu. Mayaka hi akamā hidjia hide. Su yāhā de hi si kaniā abaku sade kahu kua dibi adīū idju karakara. Perumā ī tarukawa abaku sehahe ixu sade hi si txamā **damītxa (damīdjā)** sekanēāhā du hide, patehidji kī hi si txa idu te hide. Sawai awīla ixu tade hi si dakī awi mā te hide ta, awi

seha he **ilaku (izaku)** txa sade hi si kaneahã yaeta hide, isamĩ hi yaeta te hide, awi sehahe hi si iyaha karakara tade kĩ txa idu te hide, awi sehahe yubikĩ **ilaku (izaku)** txa sade hi si isamĩ dju yube txa hide, sutade hi kaneahã eta hide. Su yãhã de hi si mayakatu kara sade awĩla ixaũ anu. Paria hi daKĩ anu ta, pate lumika nene duha de hi paria kaipa 'i anu, ixu seha **ilaku (izaku)** txa sade hi kaneahã apĩihu dade lumimika hide, ixu sade hi si pate hidji kĩ txatxa sekaneãhã du hide. Kua katu kara sade pitxi ixu kua he sade hi si awae kĩ da iwiwanawana te, anu ihuraharaha duhade hi pitxi kaneahã be wãbi anu. Kanẽahã katu kara sade hi si, pitxipitxi a ikatakata te, pitxi ne ihurahu a hi si ikatakata te, sutade hi mayaka ha dade aka ihuraharaha. Awĩa itita hi si dakĩ ta, susade hi si sekanemã ha sepadja txade inananana te, pe hi si mayakatu karara, pitxi dju txa sade kua he ixu sade hi si kua he awĩa katakata. Sutade hi isamĩ mayaka imahuraharaha. Kayure hi dakĩ anu ta, abaku sade hi si txa mã idu te hide, pupunana duhade hi kayure kaipa 'i anu. Ixu sehahe idu txa sade hi mayaka ikuikuta hide ã hi dakĩ lumimika hide ta. Hure hi dakĩ anuta daikaũ hi si hure be kua ipakuha ha tade yu 'i anu ã si dakĩ mayakatu kara sade ixãu te anu. Si ixu tade hi anu hure meũ i lumimikamika duha de yube dusamĩ daika hide, sutade hi kanẽahã lumimika hide ã hi dakĩ ikuikuta hide ta, ine hinaku hi turupa anu. Turupa ixu sade hi isamĩ pate ide ala nene, sutade hi kaneahã aka 'ãkalĩ hinaka hide.

Waraxi hi yube mahidji te anu, akã 'ãkalĩ hi hide, hure i turupa anutaha ixu sade hi si da kaneahã yaeta hide, si ixu tade hi isamĩ ide ala hide, sutade hi lubaru dade eta hinaka hide, upa hi ãtxã 'ãtxã hide. ã 'ĩ itxade hi si dakĩ etxukaũ anu ta, isamĩ hi isusua te hide, sutade hi eta hide. Ide etxuku sehahe hi si pate hidji kĩ kãitade **ilaku (izaku)** te txa hide.

Ahua kuada kara yãhã hi dakĩ kaipa 'i anu, mayaka akaũ yãhã hahi kua da kara anana, kua da kara dade hi pe dusamĩ iwa anana, sutade hi mayaka akaũ anana. Meũ dade hi iidja txaũ kuabe anu, apeta isamĩ dahi kaneahã yaeta hide, bitĩhu hi wariahã lumimika hide, su yãhã de hida iidja meũ dade txaũ kuabe anu. Iidja kuabe txa tade hida te ha hae:

- apaha kua be txa meũ kade? Kanẽahã yaeta a ena anu. A a hida iidja be. Iidja ã senahĩ daza he duha he kua be txa tade hi kanẽahã eta hide, upa hi ãtxã 'ãtxã hinaka hide. Axiwĩla hi dakĩ kaipa 'i hidji anu, sesu su duhade hi kaipa 'i anu. Adĩũ hi si ikarika te hide suyãhã he hi pate ide ala nea hide, isamĩ hi isusua te hide, sutade hi bitĩhu eta hide. Tuwã ixu sade hi si txau yubi kĩ, txi kaapa de sekua du anu, iyaha ide kara tade kĩ hi si txa kua be hide, ixu seha he txi kaapa kĩ de kua be txa sade hi isamĩ kaneahã be txa hide. Isamĩ hi itxade pĩpĩa hide sutade hi uraha mã hide ã dakĩ eta hide. Abĩa hi si kaneahã katu

karara, sutade hi isamĩ ědu dade kariaria, sutade hi kaněãhã wãbi lubaru ĩ karia urarahu anana. Epa ihurahu yãhã kua adjidji au tade hi si, daikãu te anana, kaneahã isamĩ itxade pĩrika wĩ yãhã ha ĩ itxade karia wĩ yãhã ha hi si imaku te anana. Sutade hi kaněahã wãbi anana. Mayaka katu sade hi si adi'adĩma hĩ ikatu te ananá, kapakapaũ si ikatu tade hi hahae:

- a atxi uyahã ipakĩ ha tĩhaũ, wĩ'ikaũ uma hae. A dade hi kaneahã aka xii anana, xihinaku adi'adiamã hi ikatu sade hi te wãbi anu.

- Wãbi uyãhã ipakĩ. A dade hi kaneahã wãbi karia lubaru anana. Sudade hi mayaka, ataũ, awa 'a ĩ ku 'i aka anana. Wãbi dukatu sade hi ide karia anana, kaita pãpã dukua ha upĩpĩ sade hi sebe hahae:

- wabahu da ube. A a hi sebe.

- suduhade da ube alu. A a hi sebe. Ĩyãhã ha makaũ hi si anu sade anana, kaita dawai atuku dukatu sade hi aũ te anana.

-alune de una dawai nahaũ yãhã he u 'i anu, A a hi kaněahã.

- ati una anu yãhã aũ. A dade hi akaũ anana. Suyãhã de hi si etihu txi kĩ katu anana ĩ hi si dakĩ nana katu etihu anana ta, puyu katu hi si kua **ila (iza)**da anana ĩ hi si dakĩ kua adjidjia da epa ihurahu yãhã au tade ide ikatakata te.

Kaneahã ikaria hahi puyu anu, ãbe hahi puyu anu, anĩ hehi kaneahã isamĩ kahu karia anana. Suyãhã de hi si ikudamaũ kua katu sade puyu be anu. Si ikataũ tade hi kaneahã isamĩ hala hide:

- Ābeũ na. A hi kaneahã isamĩ hide, sudade hi e'uhã hide, sudade hi kaneahã aka mã hide. Mayakatu kua he kara sade hi si dakĩ seyamã he karia anana, kaneahã wãbi karia urarahu yãhã ha''.

Arewana Juruna, Tuba Tuba, novembro de 2021.

2.2.1 Versão para a língua portuguesa do texto de Arewana Juruna

Cuidado ou regramento das plantas da roça

Conforme o autor do texto Arewana Juruna, “o povo Yudja começa a visitar a roça após a queimada, depois que o fogo apaga tudo. Logo na primeira ida para roça, a pessoa já pode levar algumas sementes, como semente de melancia ou grãos de milho que podem ser plantados logo depois de o fogo ser apagado. Quando fazemos a roça junto com algumas pessoas, temos que ter cuidado e seguir a regra. Por isso, quando iniciamos o plantio, começamos da beira para a mata, não começamos da mata para a beira. Dizem que, quando começamos a plantar a roça da mata para beira, estamos cercando o espírito do veado dentro da roça. Assim, o espírito desse bicho fica pulando no meio da roça e as plantas não produzem bem, às vezes, as sementes ou ramas de mandioca que são plantadas, não brotam.

Por isso, quando começamos plantar uma roça, começamos da beira para mata, assim o espírito do veado vai saindo para dentro da mata mesmo.

Durante a plantação da roça, também não se usa o óleo de inajá no cabelo, pois as sementes ou ramas de mandioca podem só apodrecer e não brotar. Às vezes, pode até brotar, mas quando crescer e dar o fruto, as frutas também podem apodrecer.

Dessa forma também não mexemos com o marimbondo, se nós mexermos com marimbondo, as plantações podem morrer, por isso mexer com o marimbondo durante a plantação de uma roça não é bom, podemos até mexer longe da roça, mesmo assim as plantações podem morrer rapidamente, a mesma coisa o inseto (joaninha), não se mexe com ela durante a plantação.

Nós, como povo Yudja, não comemos sal e nem muita pimenta na comida durante a plantação de uma roça. Se a gente comer muito sal e a pimenta, as folhas das plantas podem se enrolar e assim as plantas podem até morrer também.

Conforme a tradição, a partir da história narrada sobre as regras da roça, também não fazemos o cocô próximo da roça, se nós fizermos o cocô perto da roça, as plantações podem não se sentir bem e podem morrer. Por isso, a pessoa que está plantando uma roça, tem que fazer cocô longe da roça e depois de voltar, não tem que vir pela roça ou andar na roça depois de ter feito cocô, dizem que a cuia, o milho e a melancia são as plantas que não aguentam isso. Por isso, temos que ter muito cuidado durante a plantação das roças.

Para ir visitar a roça, a pessoa tem que ir sem pentear seus cabelos com óleo de inajá.

Quando fazemos uma roça sozinho, é bom visitar a roça sozinho depois de plantar. Se a gente for visitar a roça com as pessoas, às vezes, podemos até levar, sem saber, a pessoa que teve relação sexual, assim as plantações podem morrer.

Se encontramos macaco na beira de uma roça e matamos, não podemos trazer pela roça, atravessando a roça, porque o espírito do macaco pode fazer mal para as plantações, principalmente, a mandioca, que pode até crescer com galhos grossos, mas as mandiocas mesmo ficam pequenas e pode até levar as mandiocas a apodrecerem dentro da terra.

Assim também algumas aves fazem mal para as plantações, por isso, quando matamos algumas aves, não trazemos pela roça, porque pode acontecer a mesma coisa.

Também não podemos matar veado na beira de uma roça, porque as mandiocas podem ficar pequenas.

Dizem que não podemos comer o mel também, mesmo o mel sendo tirado pela outra pessoa, se a gente comer o mel e for visitar a roça, as plantações podem morrer. Por isso, não podemos comer o mel quando as plantações estão pequenas.

O peixe tucunaré também não é bom comer quando estamos plantando uma roça, porque as mandiocas também podem apodrecer quando crescerem, podemos ir visitar a roça depois de um dia de comer o tucunaré. O peixe bom de comer durante a plantação da roça é o trairão, porque o trairão é um dos peixes grandes. Por isso, quando comemos o trairão durante a plantação ou na roça, podemos dizer que a mandioca pode crescer e ficar grande igual trairão, dizem que podemos usar o osso da cabeça deste peixe como colar durante as plantações e assim as mandiocas ficam grandes quando crescem. Algumas frutas nativas, da mata também não podemos comer, se a gente comer durante a plantação, as nossas plantações podem apodrecer e não crescer, principalmente a melancia é uma das plantas que não aguentam isso.

Quando uma mulher está menstruada, não pode ir para roça, porque isso faz mal para as plantas, as plantas podem apodrecer e morrer. Por isso, a mulher não pode visitar a roça quando está menstruada. Se a família perceber que a mulher está menstruada, não deixa ela ir para roça. Também a pessoa, quando tem relação sexual com alguém, não tem que ir à roça, só pode ir um ou dois dias depois. Se a gente visitar uma roça depois de comer anta, também faz mal para plantações, dizem que o espírito pisa nas plantações e, por isso, elas não podem crescer.

Na tradição Yudja, quando fazemos uma roça, não derrubamos todas as madeiras,

deixamos algumas árvores grandes e alta no meio da roça, isso é para o dono (espírito) ver as plantações e dançar com as plantações. Assim as plantas brotam e crescem bem. Quando plantamos as ramas de mandiocas, podemos plantar um pouco longe uma da outra, dizem que quando a gente planta bem perto de outra, não tem lugar para ela. Assim ela fala:

- Estou sem espaço, sem lugar para armar rede, não tem como esticar as pernas.

Se ela fala que tem espaço e tem lugar suficiente, brota e cresce bem, dizem que ela fala que tem bom espaço para se produzir, também não podemos plantar misturando uma com outra. Porque assim, ela não vai gostar da outra e não pode se reproduzir.

A partir da história narrada, o feijão fava é enfeite para as plantações.

Nossos antepassados falam que ficam como chocalho. Assim todas as plantações crescem alegres e se produzem bem.

2.3 Variação entre a fala dos idosos e a fala dos jovens

A partir da descrição textual de um aluno do ensino médio, analisamos que as crianças e os jovens estão modificando algumas palavras para se comunicar e, até mesmo entre as pessoas adultas estão ocorrendo estas variações. As palavras antigas são modificadas no decorrer do tempo, algumas palavras têm o significado diferente umas das outras e outras têm os mesmos significado, mas o que diferencia é a pronúncia das palavras.

Apresento abaixo uma tabela de processo de variação das palavras faladas atualmente pelas pessoas idosas e pelos jovens Yudja. Durante esse trabalho, foram observadas as seguintes formas das palavras faladas que estão aparecendo nas modalidades escrita e falada da língua:

Tabela 01: Variação das palavras usadas pelos idosos e pelos jovens

Pessoas Idosas	Pessoas mais jovens
a) txihidji ‘depois’	txidibi ‘depois de’
b) kihu ‘onde’	Txĩbi
c) ila ‘nome’	iza ‘irmão dele / beirada do rio’
d) izaku ‘viu / avistou’	ilaku ‘mudar-se de um lugar’

e) damĩdjã	damĩtxã
f) dala	Daza
g) elakaũ (kuala be elaku seha)	Ezakaũ
h) ezakaũ (sawa zakau seha)	zakaũ
i) iiza	Iila
j) pĩizaku	Pĩilaku
k) latxuhu	Zatxuhu
l) imazu	Imalu
m) dulanahĩ	Duzanahĩ
n) yũla'ĩ	yũzã' ĩ
o) ũbiabĩa	Kupahapaha

Considerando os dados apresentados na Tabela 01, constatamos que está havendo variação entre os fonemas /h/ e /d/ e entre os fonemas /dj/ e /b/ como aparece em (a); entre os fonemas /k/ e /tx/ em (b); entre os fonemas /h/ e /b/ como em (b); em (c), (d), (f), (g), (h), (i), (j), (k), (l), (m) e (n); aparece variação entre os fonemas /l/ e /z/ e em (e), há variação entre os fonemas /dj/ e /tx/. Ou seja, aparecem variações entre os fonemas em seis situações, sendo que a maior ocorrência acontece entre os fonemas /l/ e /z/: doze ocorrências.

No exemplo (o), há uma mudança da forma palavra *ũbiabĩa* usada pelos mais velhos, enquanto a forma *kupahapaha* aparece na fala dos mais jovens. *Ũbiabĩa* significa ‘cumprir a regra de alguma coisa’ ou ‘respeitar uma regra’. Já a palavra *kupahapaha* tem o sentido de ‘cuidado’. Nesse caso, está acontecendo uma variação no uso de itens lexicais, que mostram uma variação no significado das palavras usadas.

2.4 Fonemas e grafemas da língua Yudja

Nesta seção, apresentamos as tabelas dos fonemas consonantais e dos fonemas vocálicos da língua Yudja, segundo o alfabeto fonético internacional – IPA, com os respectivos grafemas utilizados na convenção ortográfica de nossa língua. Destacamos que o estudo fonético e fonológico de nossa língua foi feito pela linguista Cristina Martins Fargetti, da UNESP, Universidade Estadual Paulista. A proposta ortográfica, entretanto, foi elaborada em conjunto com falantes de nossa língua:

A ortografia está em uso no ensino bilíngue nas escolas juruna e apresenta poucos problemas na sua utilização pelos falantes da língua, por ter sido elaborada justamente em uma parceria entre a linguista e os falantes (...) Assim, atribui-se o sucesso da aquisição da escrita em juruna não ao trabalho único da linguista, mas ao diálogo estabelecido com os falantes. (FARGETTI, 2006, p. 126)

Tabela 02: Fonemas e grafemas da língua Yudja

Alfabeto utilizado	IPA
p b t d k '	p b t d k 
tx dj	t ^h d ^h
m n	m n
r	
s z x h	s z ^h h
l	
w y	w j
i ĩ u	i ^h u
e a	e a

Fonte: Fargetti, 2001.

Tabela 03: Fonemas Consonantais da língua Yudja e os grafemas

Fonemas Consonantais	Grafemas
/ b /	b
/ d /	d
/ h /	h
	l

/ m /	m
/ n /	n
/ p /	p
	r
/ s /	s
/ t /	t
	x
/w /	w
	z
	tx
	dj

Fonte: Txapina Juruna, 2022.

Tabela 04: Fonemas vocálicos da língua Yudja e os grafemas

Fonemas	Grafemas
/ a /	a
/ e /	e
/ i /	i
	ï
/ u /	u
/ ã /	ã

Fonte: Txapina Juruna, 2022.

Considerando os fonemas consonantais e os fonemas vocálicos da nossa língua Yudja, observamos que os fonemas consonantais que estão em variação pertencem ao sistema fonético de nossa língua, ou seja, não estão sendo usados fonemas importados de outras línguas. Os fonemas vocálicos não apresentam variação entre si. Desse modo, avaliamos que as variações que estão ocorrendo na língua Yudja são variações entre as gerações, isto é, os mais idosos falam algumas palavras de um modo e os mais jovens falam de outro modo.

CAPÍTULO III: A VARIAÇÃO DA LÍNGUA YUDJA NA ESCOLA

Neste Capítulo, apresento as percepções sobre as variações que estão ocorrendo na língua Yudja no espaço da escola. Para isso, convidamos os professores e os pais de alunas e alunos, para uma conversa sobre o meu trabalho de pesquisa e para ouvir as opiniões dos participantes que passo a relatar.

3.1 Relato da reunião sobre o projeto de pesquisa

Realizou-se uma conversa convocada por mim, no centro da aldeia, aos 15 dias de agosto de 2022, com a participação dos professores e pais dos alunos (as) Yudja das aldeias: Tuba-Tuba, Aribaru, Parureda, Lãtu, Paksãba, Pequizal, Maidika, Pakaya e Awaya. A conversa teve o objetivo de eu apresentar o meu trabalho de mestrado, dissertação que está em elaboração, que será apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado, para Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat e Faculdade Indígena Intercultural - FAINDI, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, na área de Ensino em Contexto Indígena Intercultural, tendo como tema as Variações e Mudanças na Língua Indígena Yudja e o Ensino na Escola Kamadu. A conversa iniciou-se com agradecimento aos professores e todos os pais dos alunos (as) presentes, pela participação.

E, logo em seguida, apresentei introduzindo a Metodologia do trabalho que se baseou em entrevistas com anciões e jovens, que foram gravadas e, na medida da necessidade, algumas partes foram transcritas em língua materna e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa.

Expliquei que o objetivo principal do trabalho consiste em aprofundar o meu conhecimento em variação linguística e mudanças que ocorrem na língua indígena Yudja, através das crianças, jovens e até mesmo pelas pessoas adultas e registrar esse tema que é tão importante na cultura e na identidade Yudja, e discutir as diversas práticas na língua falada por jovens e adultos. Assim, citei dando alguns exemplos das palavras que as pessoas falam no dia a dia, fazendo uma comparação das palavras antigas com as palavras novas que são faladas pelas pessoas mais jovens.

E disse ainda sobre o trabalho que cumpre com o propósito didático científico de se tornar para as comunidades uma fonte de pesquisa para os alunos das Escolas Yudja e

também para pesquisadores não indígenas. E, em um âmbito mais geral, o trabalho também cumpre com o papel de oportunizar uma melhor compreensão de como estão ocorrendo as variações na língua Yudja, por parte das pessoas que irão ler o meu trabalho. Terminando a apresentação do meu trabalho, deixei a palavra em aberto para ouvir as opiniões de cada professor presente no momento. O professor Tarinu Juruna, da aldeia Tuba Tuba, se posicionou dizendo:

Esse trabalho é muito bom, e é muito importante para nós pensarmos e refletir a partir do que está sendo apresentado. Percebo que está ocorrendo uma grande mudança na nossa língua, porque os jovens de hoje realmente estão inventando e modificando as palavras, isso me preocupa muito. Se a gente não cuidar ou não ensinar nossas crianças a falar direito nossa própria língua vai perder as palavras que nossos velhos (as) falam e isso não é bom para nós, e isso é feio. Nós, professores, temos que registrar nossas histórias, e deixar no papel o que é nosso, disse. Além disso, nós ainda não temos os materiais didáticos suficientes na nossa escola para nós professores trabalharmos com nossos alunos.

A gente precisa de materiais como este para facilitar a aprendizagem das crianças. Caso esse trabalho for concluído, tem que servir para todo mundo, ser bem feito com participação de alguns anciões para ser um material completo e de qualidade.

O mesmo ainda citou sobre as palavras que eu tinha apresentado, que a palavra *txidibi* é uma das palavras modificadas pelos jovens, que está sendo falado no dia a dia das pessoas, e que não é uma palavra certa, o certo é *txihidji*.

O Professor Karin Juruna reforçou a fala do Tarinu, ressaltando que está havendo mudança das palavras em nossa língua, não só em relação à língua, assim em geral, na parte cultural. Propôs sua preocupação nas mudanças da cultura, principalmente na língua Yudja, deu a importância do trabalho, que será usado na sala de aula com os alunos.

Assim, os demais professores e os pais dos alunos (as) que estiveram presentes na conversa também se posicionaram sobre a importância da língua e suas preocupações sobre as mudanças que estão ocorrendo na língua e na nossa cultura. Alguns anciões e os alunos (as) da aldeia se colocaram à disposição para contribuir e continuar com o meu trabalho, até a professora Dr^a Cristina Martins Fargetti, linguista da Universidade Estadual Paulista, UNESP, se colocou à disposição para contribuir no meu trabalho de

mestrado. A partir dos posicionamentos de cada professor das escolas Yudja, durante a conversa, percebi que está havendo variações na nossa língua, porque o nosso idioma está sendo influenciado pela língua portuguesa brasileira, algumas pessoas falam palavras da língua portuguesa, que, às vezes, não existe em nossa língua, mas que tem sentido para dizer algo.

Já algumas pessoas acham que a escrita da língua portuguesa que está trazendo essa mudança. Mas a nossa língua tem muita vitalidade, pois está sendo usada, inclusive, pelos jovens no celular, em *chats*, redes sociais e em mensagens por e-mail.

Neste caso, apresento abaixo algumas escritas da língua Yudja falada, que os jovens estão usando em *chats*, redes sociais e mensagem por e-mail, para se comunicarem:

g) - *Bom dia!!! Paēde wābi hiane? A'i udi wābi hae... wābi esi kamenu hae, seme governança au 'a hae, txi he si paetaha de kamena 'a hae... kī bitu kahukade na anasē sebe abī'a te hae.*

h) - *Estamos aqui conversando sobre a inscrição que vai sair esse mês, para Vestibular da UNEMAT. Txi kī abī na awae esebe hae, inscrição yābehuaka 'a yāhā UNEMAT mē, txi kī deda a'i kamenu hae. Esi ubahu yāhā ha una esebe abī te hae, esi na, aa sade sã yāhā de pīilaka (**pīizaka**) hinaku ī esi sã tade xaa te.*

i) - *Presidente, governador, deputado prefeito ha dade voto a'anana, ilakāu (**izakaū**) hiane amī seme presidente maxiayā be, pada una azu (**alu**) tade ube mīnu 'a dade eleições watzuku abīxa xu anu. Humba, e'ua na zube (**lube**) a na he.*

j) - *A'i na esi izaku yāhā ha sã'ahā ada esebe hae...ipīa sã'āhā ī si kamenu yāhā dakī wābi hidji.*

Observando estas escritas feitas pelos jovens, podemos observar que estão ocorrendo variações que correspondem às diferentes formas usadas na fala. As palavras negritadas e entre parênteses são as formas usadas pelas pessoas mais idosas.

Observamos também que as variações na escrita estão ocorrendo do mesmo que foi apresentado na Tabela 01, ou seja, o fonema /z/ variando para o fonema /l/, como na

palavra *piizaka* que está sendo pronunciada *piilaka* pelos mais jovens no exemplo (h); *alu* (forma usada pelos mais idosos) variando com *azu* (forma usada pelos mais jovens) e *lube* (forma usada pelos mais idosos) variando com *zube* (forma usada pelos mais jovens) no exemplo (i).

3.2 O produto pedagógico elaborado para os estudantes da escola

A partir do texto elaborado pelo aluno Arewana Juruna, do ensino médio, fiz uma grande comparação sobre a escrita da língua Yudja falada e como as práticas dos conhecimentos tradicionais Yudja vieram se passando de geração em geração até um certo momento, de uma forma oral. Depois que a escola foi criada na aldeia Yudja, veio uma preocupação muito grande com as futuras gerações do nosso povo. Sendo que, tendo a escola na aldeia, as novas gerações poderiam estudar e aprender a escrever a escrita do não indígena e, ao mesmo tempo, aprender a escrita da própria língua materna e valorizar o modo de viver para que nossos saberes não se percam e, assim, podermos continuar a viver junto com os seus familiares nas aldeias.

A escola trouxe conhecimentos importantes para ajudar a defender a cultura indígena Yudja. Porém, no início era muito difícil trabalhar o conhecimento para os alunos, através das escritas. E durante esses ensinamentos dentro da escola, os alunos junto com os professores e algumas pessoas não indígenas para assessorar na produção, foi criada a grafia da língua materna falada.

Os alunos e a comunidade não davam importância para a escrita da própria língua, porque não entendiam qual poderia ser seu uso, uma vez que todas as comunidades eram falantes da língua indígena e não viam sentido em aprender a escrita, porque todas as demandas de escrita e leitura vinham de documentos e textos em língua portuguesa. Mas, aos poucos, perceberam que a escrita ajudava a entender a própria língua, como foi o caso das letras de música.

A dificuldade encontrada também era em relação entre a escola e a comunidade. Antes, a comunidade pensava que a escola era somente do professor e que ia acabar com a cultura. Por isso, a comunidade fazia muita crítica à escola. Ao mesmo tempo os professores eram muito jovens e não tinham poder para explicar os objetivos da escola, então, havia pouco diálogo entre a escola e a comunidade.

Como resultado disso, alguns pais de alunos mandavam seus filhos estudarem na cidade e isso preocupava os professores, porque causava outras influências na nossa cultura, principalmente, em relação ao desrespeito às regras tradicionais.

A partir daí que ocorreu um novo contexto e transformou a formação dos jovens, que antes era voltada à formação nos conhecimentos tradicionais do povo Yudja, tais como a cerâmica, tecelagem, cestaria, arquitetura, sistema agrícola, medicina tradicional. Depois do contato, começou a surgir a necessidade de novos trabalhos e funções, que passaram a ser exercidos pelas pessoas mais jovens.

A formação do jovem passou a ficar dividida entre a aquisição dos conhecimentos tradicionais e ocidentais. O tempo, antes dedicado exclusivamente ao conhecimento tradicional, passou a ser compartilhado com as novas formações profissionais. Por isso, a escola tem a função de ensinar os dois conhecimentos: as tradições Yudja e conhecimentos necessários para as relações de contato e os novos trabalhos voltados para a comunidade.

Para evitar que o desrespeito com os conhecimentos ancestrais piore, os professores, juntamente com os caciques da aldeia e as lideranças, conscientizaram e ainda conscientizam a comunidade, principalmente, os jovens e crianças que atualmente frequentam a escola, para que eles compreendam e respeitem como lidar com a cultura e também saibam utilizar os papéis e as tecnologias dos não indígenas de forma correta. E a esperança da comunidade é construir uma sociedade com pessoas que se tornem os defensores da sua cultura e do seu povo, lutando pelo direito da melhoria da educação, da saúde e fiscalização de nossas terras, entre outros.

Para o povo Yudja, a escola não é o único e nem o principal espaço de aprendizado das crianças e dos jovens. Eles aprendem dentro de casa com a família e acompanhando os familiares em atividades realizadas na roça e no mato, como o preparo da roça e o plantio, a pesca, a caça e a procura por materiais para a confecção de objetos do artesanato, por exemplo.

E o objetivo do material pedagógico do meu trabalho de mestrado é justamente para os alunos terem o conhecimento de como estão ocorrendo as mudanças na língua falada por jovens e adultos, para as atuais e futuras gerações compreenderem bem as palavras.

No nosso caso aqui, trata-se de fazer com que, principalmente, as crianças em seus espaços de aprendizagem tradicionais e no espaço escolar e, tomem consciência da importância de valorizar um aspecto central da produção cultural Yudja.

Daí, cabe ao material pedagógico contribuir na escola como um livro para leitura e reflexão sobre os textos produzidos na língua materna Yudja e demonstrar aos alunos como é importante valorizar a escrita da própria língua, para compreender, em toda a sua profundidade, aspectos da identidade Yudja, além de estimular a valorização das festas, da pintura corporal, da história do povo, das músicas e da dança. Ao mesmo tempo, também deverá preparar os jovens para se expressarem corretamente na língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa levou-me a percorrer um novo caminho de descobertas sobre a variações e mudanças na língua indígena Yudja, que veio passando de geração em geração até o momento atual. Levou-me também à compreensão da importância do ensino de nossa língua na escola Kamadu.

Ao promover as entrevistas com os jovens Yudja e as pessoas mais velhas, tivemos encontro com nós mesmos, nos quais percebemos as diferenças das falas que são praticadas por nós, jovens, em nossos saberes, ao optar pelo uso da palavra *txihidji* com o sentido de *txidibi* pelos jovens, por exemplo. Nessas considerações, não estamos apenas obedecendo às normas de um trabalho científico, mas, sim, temos consciência de termos vivenciado uma experiência de aprendizagem coletiva, refletindo sobre a nossa língua.

Os estudos prévios da pesquisa consistiram, primeiramente, em um processo de compreender bem as palavras antigas que são faladas pelas pessoas mais velhas, de conceitos em que nos vimos envolvidos e que precisavam ser compreendidos. A sensação é de estar sempre a caminho certo de um ensinamento dentro da escola sobre a língua indígena Yudja falada. Considerando como um instrumento principal para uma melhor compreensão das palavras, foi elaborado como produto pedagógico desta pesquisa um trabalho escrito pelo aluno Arewana Juruna, em língua materna Yudja, um dos alunos da primeira turma do ensino médio da Escola Kamadu. Nesse trabalho são encontradas as escritas diferentes das palavras que são mais faladas pelos jovens, pois, desse modo, o produto pedagógico pode contribuir na escola como meio de refletir sobre o conhecimento de linguagem para as futuras gerações.

As atividades deste trabalho foram desenvolvidas em três Capítulos, cada parte dos capítulos com os assuntos diferentes um dos outros, envolvendo discussões e questões do produto pedagógico em língua materna. Nesse processo de descobertas das palavras, passei a olhar e posicionar-me, pois, diante da nossa própria língua falada pelos anciões, uma vez que antes eram ignoradas algumas palavras ancestrais, pela falta de conhecimento, pois somos sujeitos em construção e isso não pode ser desconsiderado em um ambiente de aprendizagem onde as diferenças rodeiam-nos em todas as suas formas, dentro e fora da escola.

Diante dos dados que obtivemos durante a pesquisa, consideramos que a língua Yudja encontra-se em processo de variação, não se solidificando ainda nenhuma mudança.

A partir das reflexões a respeito da literatura indígena e sua contribuição para a formação do leitor pela perspectiva do letramento, o objetivo desse trabalho centraliza-se em contribuir na formação da identidade dos jovens Yudja. Podemos dizer que os resultados oferecem uma boa compreensão por parte das pessoas que irão ler este trabalho, superando as expectativas no que se relaciona a ler as diferenças com mais compreensão e respeito.

Objetivamos que esses conhecimentos sejam compartilhados, permitindo perceber a riqueza das significações confrontadas e os saberes sendo reelaborados pelos Yudja. Os resultados, conforme os objetivos apresentados, tornam-se um resumo que permitiu observar como a formação de minha identidade como professor pesquisador foi reelaborada ao longo do caminho de mestrado.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO YARIKAYU. *Yudja parẽ Abĩaha* - A história das Flautas Yudja, Catálogo de instrumentos Musicais do Povo Yudja, 2006.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística – uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionílio. São Paulo: Párabola, 2002.

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CENTRAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA KAMADU. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu**, povo Yudja, 2007.

FARGETTI, Cristina Martins. **Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna**. Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas, SP: 2011.

FARGETTI, Cristina Martins e REIS, Carmen L. Reis. Consoantes do Xipaya e do Juruna – uma comparação em busca do proto-sistema. In: **Alfa – Revista de Linguística**, São Paulo, nº 52, 2v. p. 535-563.

GROSJEAN, F. Individual bilingualism. In: **The encyclopedia of languages and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994. p. 1656-1660.

JURUNA, Karin. **Epistemologias do povo Yudja**. Depoimento concedido em 15.08.2022, Aldeia Tuba Tuba, Território Indígena do Xingu, 2022.

JURUNA, Lafusia. **Epistemologias do povo Yudja**. Depoimento concedido em reunião, na Aldeia Tuba Tuba, Território Indígena do Xingu, 2022.

JURUNA, Nario. **Epistemologias do povo Yudja**. Depoimento concedido Durante entrevista, na Aldeia Tuba Tuba, Território Indígena do Xingu, 2022.

JURUNA, Sadea. **Epistemologias do povo Yudja**. Depoimento concedido Durante a entrevista, na Aldeia Tuba Tuba, Território Indígena do Xingu, 2022.

JURUNA, Tarinu. **Epistemologias do povo Yudja**. Depoimento concedido em 15.08.2022, Aldeia Tuba Tuba, Território Indígena do Xingu, 2022.

LIMA, Tânia Stolze. **Um Peixe Olhou para mim, o povo Yudja e a Perspectiva**, São Paulo: Ed. UNESP/ISA, Rio de Janeiro, NuTI, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras** – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

STEINEN, Karl von den. **O Brasil Central. Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu.** Tradução de Catarina B. Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Editora Ática, 1990.

TRONCARELLI, Maria Cristina. **Urucum, pedra brilhante.** Projeto Yrykum, Itaenyfuk. Onze anos de formação de professores indígenas no Território Indígena do Xingu, 1994 a 2005. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

ANEXO I – PRODUTO PEDAGÓGICO

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CENTRAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA KAMADU.

Kaneahã de kupahu seha abiãha –
Livro de Cuidado ou Regramento das Plantas da Roça



TXAPINA JURUNA

2022

Kanehã de kupahu seha mẽ papera abĩaha xipaa

Kamadu he papera ã'ã tahai dju ã kamaña êdu taha kamaña txade, papera ã'ã kara kade, sekamaña lupaku txa yãhã de si se'ãwĩ da kamaña yãhã ha iwãxiwãxi ãhã papera kã. Kanehã de kupahu seha abĩaha ubahu ide seha ha una iwãxiwãxi te alu. Kuhae semẽ papera aka he pahidji papera ã'ã dade Arewana awiyai kamaña wãwã duha txade iwãxiwãxi te anu, seyãmã he. Amĩ iwãxiwãxi yãhã si ide sekamaña lupaku txa yãhã zaku yãhã ha una iwãxiwãxi yãhã papera de au, 2.2 he, txiihe maxi si Yudja ha sade sekamaña upaku txa yãhã au, suyãhã de iwãxiwãxi dade, da kamaña duha bi iwãxiwãxi te, kamaña upipaku. Izaku sade ide ubahu seha ha una kamaña awiya dju iwãxiwãxi te, maxi da kamaña seha sekamaña awiya ã iparahai ha sade upaku seha sekamaña. Iwãxiwãxi'a kade una pahidji awiyai ã iparahai kamaña wãwã, sahahe una abixu taha wãxiwãxi sekamaña da, txihidji una karai kamaña da iwãxiwãxi te. Una papera ã'ã kara kade iwãxiwãxi yãhã ha kã papera ekariku dade alu, si Yudja ha tade papera aka heeda kuperiyãhã ha, papera ã'ã taha kahunã ide kamaña zaku yãhã ha. Suduhahe ide kamaña yupaku txa yãhã ubahu seha ha anu ã abĩ izaku taha udase dade ide wãbi sabĩaha ubahu yãhã ha anu.

Apresentação do livro *Kaneahã de kupahu seha abïaha*

Considerando o que os participantes da reunião falaram e também o que a minha pesquisa demonstrou, elaborei um produto pedagógico para ajudar na reflexão sobre as variações que estão acontecendo na língua Yudja, junto com os estudantes da escola Kamadu.

O meu produto pedagógico consiste na produção de um livro sobre “*Kaneahã de kupahu seha abïaha* - Livro de Cuidado ou Regramento das Plantas da Roça” com um texto elaborado durante o meu trabalho de pesquisa pelo aluno Arewana Juruna durante a frequência do Ensino Médio e que foi apresentado à Escola Estadual Indígena Central de Educação Básica Kamadu, na Aldeia Tuba Tuba, no Território Indígena do Xingu, para a obtenção da conclusão do 3º ano. Esse texto foi apresentado como exemplo no número 2.2 do Capítulo II de minha Dissertação, na qual aparecem variações na escrita da língua falada, para identificar as variações da língua Yudja falada atualmente. Nessa descrição, as palavras foram escritas conforme a sua fala verbal, variando as palavras uma de outra. Coloquei entre parênteses as formas utilizadas pelas pessoas mais idosas.

Esse Produto Pedagógico foi produzido para o Mestrado Em Ensino Em Contexto Indígena e Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, como uma exigência do Mestrado Profissional. Este livro também é uma resposta ao pedido da comunidade, para que a Escola Kamadu tenha mais materiais pedagógicos em língua Yudja.

KANEAHÃ DE KUPAHU SEHA ABĪAHA

Payũ si kua itxuku seha he, kua txuxi tade, iyaha yauda ã txabũ kara tade **ilaku** (**izaku**) te txa anana, txa sade hi si waraxi bĩla dju txatxa ã makaxi ta.

Ãha 01: Makaxi ise'a



Fonte: Txapina Juruna, 2022.

Anu taha **mĩtxã (mĩdjã)** katu hi si pahidji anana.

Ã kaneãhã abĩaha udusea ha da ědu yãhã awa:

- 1) – Abĩne iyaha kua itxuku seha de kara tade dane si izaku te txa hide?

-
- 2) - Apaane ena ha kade kamena **mĩtxã (mĩdjã)** a yã da kamenamena? Amĩ kamena hidji de wãbi hae? Awĩya na be ědu te, txihidji wabiada yã iyãhã he iwãxiwãxi te:
-
-

KUA TXUXI TADE IDE KUPAHU SEHA ABĪAHA

Sawa dju kua xu sade hi si kua de **kupahapaha (ũbiabĩa)**. Kua ipakuha ha tade, paape mayakata'a sade hi si iyaibi mĩtxa (**mĩdjã ???**) mayakatu anana, ikataũ hi si ka'aibi mĩtxa te anu, ka'aibi mĩtxa ikatu sade hi si pe ahua isamĩ yakĩrĩa hide, sutade hi yube tahu yahã ha tĩha mã hide. Sudade hi kua adjidji wariwari kara hide. Sutade hi kaneahã urahu dade aka mã hide. Su yãhã hade hi si iyai bi mĩtxã ikatu te ananá. Sutade hi awae ka'a kĩ be tahu anana.

Ăhã 02: kua txuxi yãhã



Fonte: Txapina Juruna, 2019.

1) – Kahubi mĩtxã (mĩdjã) de si kua txuxi tade ikataha da pa anana?

2) – Alune ã dane si ka'abi mĩtxã (mĩdjã) ikatu date hide?

Ũ'ã

U'ã da hi si lapina mahidjihidji, si u'ã da lapinu seha he ikatu kara tade hi kaneahã lūbaru dade eta hinaka hide ĩ urahu dade, dude ala tade hi lumimĩka hinaka hide.

Ãhã 03: Kanehã kua he lūbaru yãha



Fonte: Arewana Juruna, 2021.

1) - ã a'i kaneãhã ila wãxiwãxi:

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

2) - Alune duhade de ã'ã kaneãhã be meũ anu?

3) - Abĩ ne de sekaneãhã itxibĩ yãhã anu?

Dakī hi si kaneahā katu kara sade kapa apida mahidjihidji, kapa apidu sade hi dakī eta hide ta. Txide hi si **elakaū (ezakaū)** kapa idjidaka hide, suyāhā hehi pate ide ala neā hide. Kazi ha taha idjidaidaka mā hi si hide, Yāūtītī ha taha adīdīka māmā hi si hide, bitīhu hi si sutaha karika mā hide. Yukidī de hi si urahu etxuka mā hide ī hi si dakī ā'ī de etxuka mā hide ta. Sutaha isamī dude ala tade hi upa atxā'ātxā anana, i eta hinaka hide. Ī hi si dakī mayakatu kara sade kua de txi'ā mamī māhidjidji, si yu'i mamī tade hi isamī kanēahā de ala hide sutade hi kaneahā eta hide. Kahu hi si adīū iwa mamī txatxa. Ubahaū sade kua bīkarahu txa seha he mamī sade, anumeta dakī ibīkarahu wī sade hi si isamī dju wīa anana, sutade hi kaneahā inimā isamī i'ā dade eta hide. Xaa hi yube mahidji te anu, makaxi hi dakī ī waraxi ta, mayaka hi yube te anu hide, dakī dude ala tade hi etata. Suyāhā de hi si ide kupaha hidji anana. Dakī lubaru tade idu txa'a sade hi si kupaha hidji txatxa, lapina hinaku sehahe hi si **ilaku (izaku)** te txatxa, u'ā da hi si lapinaū anu, dakī hi eta hide, da lapinu sade hi si txau kua du anu, da lapinu sade setaba dibi masehu tade kī hi si txa kua du hide. Meme hi si sekaneāhā dudu anana. Sawa dju idudu sade hi, sawa **daza (dala)** he yāhā na subi txa tade sekaneāhā eta hide

1) - Ā wabīa da yā iyāhā ibīlaū taha he iwāxiwāxi te:

Yukidī de hi si urahu etxuka mā _____ta. Sutaha isamī _____, i eta hinaka hide. Ī hi si dakī _____, si yu'i mamī tade hi isamī kanēahā de _____hide.

2) - Apaa kamena yāhā ne txi dala?

**Ã amiã kua iza he tade abaku seha abiaha udase, i ena txihidji iyãhã wabã da yã
he ãhã mãka:**

Amiã kua **ila (iza)** he tade yube txa sade, ana baku sade hi si wã mã kua be idju
hide, si abaku seha he anumeta kua bikarahu idju wã tade hi mayaka urarahu dade aka mã
hide, ipaki hi papa ihuraha hide, suduhahe hi aka mã hide, aka hi lumimika hinaka hide.

- 1) – Alune ã dane si amiã kua iza he kara tade abaku saade te hide? Wã dane si
kua bikarahu idju hide?

2) – Aline duhade de amiã kaehã be kaipaĩ anu?

Mayakatu kara sade abakaũ seha kaniã ablaha

Etĩ abaku sade hi mayaka urarahu dade aka ikuikuta hinaka hide, tĩhamã hi ikia hide, aka hi xiã hide. Dakĩ hi si ahua abakaũ kua **ila (iza)** he anu. Mayaka hi akamã hidjia hide. Su yãhã de hi si kaniã abaku sade kahu kua dibi adiũ idju karakara. Perumã ã tarukawa abaku sehahe ixu sade hi si txamã **damĩtxa (damĩdjã)** sekanẽãhã du hide, patehidji kĩ hi si txa idu te hide. Sawai awĩla ixu tade hi si dakĩ awi mã te hide ta, awi seha he **ilaku (izaku)** txa sade hi si kaneahã yaeta hide, isamĩ hi yaeta te hide, awi sehahe hi si iyaha karakara tade kĩ txa idu te hide, awi sehahe yubikĩ **ilaku (izaku)** txa sade hi si isamĩ dju yube txa hide, sutade hi kaneahã eta hide. Su yãhã de hi si mayakatu kara sade awĩla ixaũ anu.

Ãhã 04: Awĩla ixa bã



Fonte: Arewana Juruna, 2021.

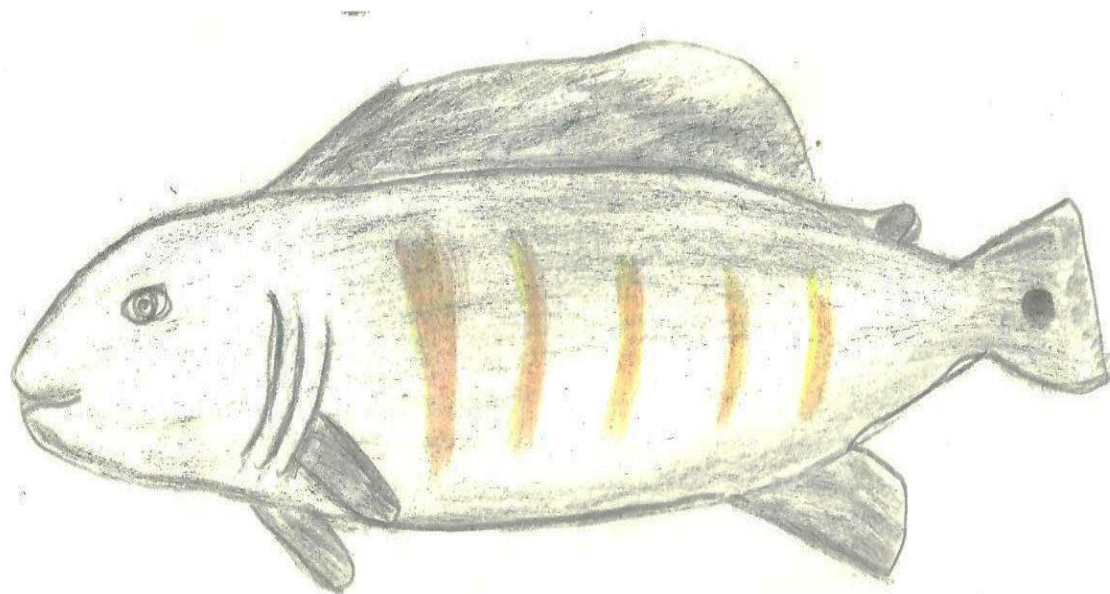
- 1) Apa kaniã abaku seha he kua zaku txa sade dane semaka ikuikuta hide?

- 2) Alune duhade de kapa kaneãhã be kaipa'ï anu?

Kua katu kara sade ixaũ seha pitxa

Paria hi dakï anu ta, pate lumika nene duha de hi paria kaipa'ï anu, ixu seha he kua **laku (zaku)** txa sade hi kaneahã apïihu dade lumimika hide, ixu sade hi si pate hidji kï txatxa sekaneãhã du hide.

Ãhã 05: Paria



Fonte: Arewana Juruna, 2021.

- 1) – Alune duhade de paria ixe seha he kua zaku txa seha kaipa’i anu?

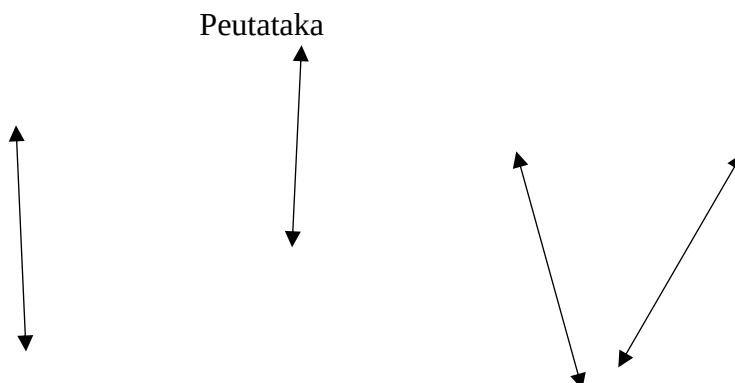
- 2) – ã pitxa e kaniã kaneãhã be meũ taha ila wãxiwãxi, wabiã da yã iyãhã he:

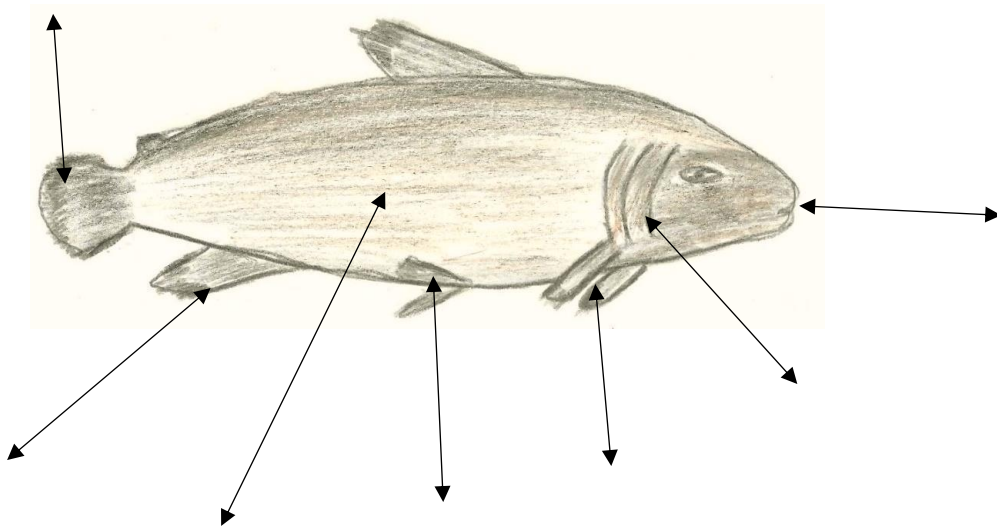
Pitxa	Kaniã

Pitxi da kaneãhã iwiwãnu seha

Kua katu kara sade pitxi ixe kua he sade hi si awae ki da iwiwanawana te, anu ihurarahaha duhade hi pitxi kaneahã be wãbi anu.

- 1) – ã pitxi ãhã he ibila ila wãxiwãxi, wabiã da yã ne:





2) – Ā ebe ubaha ha wāxiwāxi pitxi abia haha:

Kanēahā katu kara sade hi si, pitxipitxi (???) a ikatakata te, pitxi ne ihurahu a hi si ikatu te karara, sutade hi mayaka ha dade aka ihuraharaha. Pitxi awia itita hi si daki ta, susade hi si sekanemā ha sepadja txade inananana te, pe hi si mayakatu karara. Pitxi dju txa sade kua he ixu sade hi si kua he awia katakata.

Āhā 06: Pitxi awia katu kua he bia.



Fonte: Arewana Juruna, 2021.

Pitxi awĩa katu kua he sade hi isamĩ mayaka imahuraharaha.

1) – Alune ne de si pitxi awĩa ita sade te? Apaade si pe makatu karara?

Kayũre

Kayure hi dakĩ anu ta, abaku sade hi si txa mã kua du te hide, pupunana duha de hi kayure kaipa'ĩ anu. Ixu sehahe kua du txa sade hi mayaka ikuikuta hide ĩ hi dakĩ lumimika hide ta. Hure hi dakĩ anuta daikaũ hi si hure be kua ipakuha ha tade yu'i anu ĩ si dakĩ mayakatu kara sade ixãu te anu. Si ixu tade hi anu hure meũ dade lumimikamika duha de yube dusamĩ daika hide, sutade hi kanẽahã lumimika hide ĩ hi dakĩ ikuikuta hide ta, ine hinaku hi turupa anu. Turupa ixu sade hi isamĩ pate ide ala nene, sutade hi kaneahã

aka'ākalī hinaka hide. Waraxi hi yube mahidji te anu, akā'ākāli ā hi hide, hure i turupa há taha ixu sade hi si da kaneahā yaeta hide, si ixu tade hi isamī ide ala hide, sutade hi lubaru dade eta hinaka hide, upa hi ātxā'ātxā hide. Ā'ĩ itxa de hi si dakī etxukaū anu ta, isamī hi isusua te hide, sutade hi eta hide. Ide etxuku sehahe hi si pate hidji kī kāitade **ilaku (izaku)** te txa hide. Ahua kuada kara yāhā hi dakī kaipa'ĩ anu, mayaka akaū yāhā hahi kua da kara anana, kua da kara dade hi pe dusamī iwa anana, sutade hi mayaka akaū anana.

- 1) – Alune a dane Kayure ĩ Hure ixu seha he kua zaku txa sade isamī sekaneāhā be hide?

Ā wābīa da yā abīaha ib"laū taha he iwāxiwāxi te:

- 2) - Turupa ixu sade hi isamī pate ide ala nene, _____ aka'ākalī hinaka hide. Waraxi hi _____ te anu, akā'ākāli ā hi hide, hure i turupa ha taha ixu sade hi si da kaneahā yaeta hide, _____, sutade hi lubaru dade eta hinaka hide, _____.

Iidja meū yāhā

Meū dade hi iidja txaū kuabe anu, apeta isamī dahi kaneahā yaeta hide, bitīhu hi wariāhā lumimika hide, su yāhā de hida iidja meū dade txaū kuabe anu. Iidja kuabe txa tade hida te ha hae:

- apaha kua be txa meū kade? Kanēahā yaeta a ena anu. A a hida iidja be. Iidja ĩ senahī dala he duha he kua be txa tade hi kanēahā eta hide, upa hi ātxā'ātxā hinaka hide.

Ā iidja ĩ senahī āhā maku iyāhā he:

Iidja	Senahĩ

Axi wĩla

Axiwĩla hi dakĩ kaipa’ĩ hidji anu, sesuusu duha de hi kaipa’ĩ anu. Adĩũ hi si ikarika te hide suyãhã he hi pate ide ala nea hide, isamĩ hi isusua te hide, sutade hi bitĩhu eta hide. Tuwã ixu sade hi si txau yubi kĩ txi kaapa kĩ de sekua du anu, iyaha ide kara tade kĩ hi si txa kua be hide.

Ãhã 07: Tuwã



Fonte: Arewana Juruna, 2021.

Ixu seha he txi kaapa kī de kua be txa sade hi isamī kaneahā be txa hide. Isamī hi itxade pīpīa hide sutade hi uraha mā hide ī dakī eta hide.

Kaneāhā ide adji uraharaha yāhā

Abīa hi si kaneahā katu karara, sutade hi isamī ědu dade kariaria, suhi kaněāhaā wābi lubaru ī karia urarahu anana.

Āhā 08: Kaneāhā wābi urarahu yāhā.



Fonte: Arewana Juruna, 2021.

1) – ã keneãhã ide adji uraharaha yã abĩa êdu e'urahai be ã ena iwãxiwãxi a te:

Epa ihurahu yãhã

Epa ihurahu yāhā kua adjidji au tade hi si, daikāu te anana, kaneahā isamī itxade pīrika wī yāhā ha ī itxade karia wī yāhā ha hi si imaku te anana. Sutade hi kanēahā wābi anana.

1) - Ā epa ihurahu yāhā āhā maku:

Ā abīaha udase:

Mayaka katu sade hi si adī'adīma hī ikatu te ananá, kapakapaū si ikatu tade hi hahae:

- a atxi uyahā ipakī ha tīhaū, wī'ikaū uma hae. A dade hi kaneahā aka xii anana, xihinaku adī'adīamā hi ikatu sade hi te wābi anu.

- Wābi uyāhā ipakī. A dade hi kaneahā wābi karia lubaru anana. Sudade hi mayaka, ataū, awa'a ī ku'i aka anana. Wābi dukatu sade hi ide karia anana, kaita pāpā dukua ha upīpī sade hi sebe hahae:

- wabahu da ube. A a hi sebe.

- suduhade da ube alu. A a hi sebe. Īyāhā ha makaū hi si anu sade anana, kaita dawai atuku dukatu sade hi aū te ananá.

-alune de una dawai nahaū yāhā he u'i anu, A a hi kanēahā.

- ati una anu yāhā aū. A dade hi akaū anana. Suyāhā de hi si etīhu txi kī katu anana ī hi si dakī nana katu etīhu anana ta, puyu katu hi si kua **ila (iza)**da anana ī hi si dakī kua adjidjia da epa ihurahu yāhā au tade ide ikatakata te. Kaneahā ikaria hahi puyu anu, ābe hahi puyu anu, anī hehi kaneahā isamī kahu karia anana. Suyāhā de hi si ikudamaū kua katu sade puyu be anu. Si ikataū tade hi kaneahā isamī hala hide:

- ābeū na. A hi kaneahā isamī hide, sudade hi e'uhā hide, sudade hi kaneahā aka mā hide. Mayakatu kua he kara sade hi si dakī seyamā he karia anana, kaneahā wābi karia urarahu yāhā ha.